

São Paulo, Março de 1915.

Devidamente auctorizados por seu auctor, o illustre psychologo, Prof. Dr. Hugo Pizzoli, continuamos a transcrever d'O Estado de S. Paulo, o excellente artigo sob o titulo :

## PSYCHOLOGIA PEDAGOGICA

### As crianças consideradas nas suas exterioridades

#### II

Não deixe o professor de observar com methodo a "presença" da criança. Por esta palavra entendemos a maneira ordinaria, peculiar á criança, de se apresentar ao professor e á escola. Comprehende-se que tal observação não deverá recahir sobre as attitudes especiaes e transitorias que assume o collegial aos primeiros dias em que comparece á escola : então entram em jogo varios sentimentos — o respeito, o temor, a presença da novidade, coefficients inhibitorios ou modificadores da expressão pessoal ordinaria.

Um lance de olhos sobre a postura geral, que automaticamente assume o corpo da criança, em pé ou sentada, andando ou correndo, póde informar-nos em primeiro logar, do estado physico de saúde ou molestia. Depois, podemos perceber em que condições se encontram as esferas da sensibilidade externa e interna, e bem assim como os impulsos da vontade intervêm ou seguindo proporcionalmente ás primeiras, ou oppondo-se-lhes com reacções desproporcionadas. Por ultimo, na "presença" podemos achar o nucleo do tom sentimental, o gráu de energia das forças psychicas e as varias disposições particulares do animo.

Todas estas observações, que tanto contribuirão para a photographia psychica e moral do futuro cidadão, seriam — e não me cansarei de repetil-o — inefficazes, se permanecessem iso-

ladas, isto é, se não encontrassem pontos de apoio e confirmação nos ultteriores exames que viemos colligindo. Oh! quantas vezes formulamos esse juizo, bom ou máu, sobre uma pessoa á primeira vista? E quantas vezes ainda nos haveremos enganado?

Experimente o professor o formular juizos baseados só na inspecção do alumno e verá de que intimas desillusões é origem semelhante exercicio!

Mas, ainda providos de bom methodo e dotados do olho psychologico, poderemos pôr em relevo todas estas manifestações sem o conhecimento dos caractéres particulares, communs e normaes na infancia? Não. Faltar-nos-ia a pedra de toque. Encontramol-a no quadrinho impressionista de Sante Giuffrida, que, com poucas pincelladas magistraes, delinea as theses: "A criança tem a agilidade de um macaco, a vivacidade de um gato, a ligeireza de um gamo, a plasticidade de um polypo; trepa como uma cabra, nada como um peixe, rasteja como uma serpente!" Não obstante a immensa fauna tomada de imprestimo, o quadro não podia ser mais suggestivo. Nesta phase da vida as actividades musculares são surprehendentes, ou antes exuberantes — a ponto de romper toda a linha de razoavel contorno; as energias dos sentidos, cheias de vigor, de acuidade, de perspicacia; uns olhos que varam as coisas mais insignificantes, uns ouvidos que zombam do limite minimo de excitação acustica, fixado pelos psycho-physicos.

Com tal bagagem de conhecimentos, mettamos peito á obra lembrando-nos de que, se nessa minuciosa inspecção do corpo nenhuma de suas partes deve ser omittida, menos que nunca deveremos deixar de dirigir a nossa attenção para os "olhos" e para a "mão". Entre estes dois órgãos que são os mais activos ha uma mutua correspondencia, uma secreta syntonia; nelles o instincto, a intelligencia, a vontade fixaram um automatismo admiravel que os torna órgãos efficacissimos de expressão psychica.

\* \* \*

São estes os principaes typos de "presença" que o menino pôde offerecer-nos á inspecção:

1.º) *Typo normal* — No momento do nosso exame, a expressão do menino não atrae a nossa especial attenção: a attitud do corpo, a postura no estado de repouso ou no andar, a mimica, a physionomia não mostram alterações sensiveis; o exterior é composto, o vestuario, o material escolar — papeis, livros etc., — se acham em completa ordem; todos os actos parecem regulados sob a norma e por motivos conformes aos que guiam

o proceder commum, ordinario, normal da maior parte das crianças.

2.º) *Typo hyperactivo* — Todos os gestos do menino, os seus movimentos, revelam-nos uma rapidez insolita nas funcções de innervação. Revela-se um maior desembaraço e facilidade nas correntes nervosas, que partindo do cerebro, se descarregam, na periphéria, nos órgãos do movimento, seguindo as vias certrifugas. Não é o placido regato que lentamente conduz as suas aguas á planície, mas a torrente impetuosa que espumeja entre penhascos e quédas.

Os actos, que elle pratica em seguida aos estímulos exteriore, ou ainda ás idéas e sentimentos que lhe surgem, offerecem uma energia superior ao normal, manifestam-se com movimentos mais extensos de expansão. Qualquer estímulo, embora leve, quer do mundo exterior, quer do organismo, é capaz de provocar effeitos cineticos e diffusos e variados: prevalecem os movimentos musculares de extensão; parece que elle queira tudo tocar, tudo comprehender no circulo do seu gesto; é como que impellido a mover-se de continuo, mantém por pouco tempo e com summa instabilidade as posições de repouso: nelle diminue chegando mesmo a abolir-se, o senso da fadiga.

A physionomia dos meninos desta natureza é movel, o gesto largo e vivaz, a palavra as mais das vezes franca e abundante; parece diminuido o poder inhibitorio, não só sobre os movimentos expressivos, mas ainda sobre os pensamentos, e a emotividade inconsciente se torna o guia da conducta.

Quando esta anormal hyperactividade se associa ao espirito de iniciativa, vem a constituir um dote anti-social... comprehende-se, da sociedade escolar! Num grupo de meninos que brincam normalmente, o companheiro hyperactivo faz nascer a discordia ou a confusão. Elle quer primar, muda a ordem ao brinquedo, em summa, é um desmancha prazeres.

3.º) *Typo passivo* — Nestas crianças, verdadeiramente em pequeno numero, a "presença" se resolve em attitudes geraes e parciaes de indole concentrativa: a expressão dos estados emotivos se effectua por meio de gestos e reacções motoras pouco vivazes, ou antes — a resposta aos estímulos parece difficultada ou limitada no seu decurso pelas vias nervosas centrifugas.

Nestas crianças a actividade inhibitoria cerebral voluntaria parece sobrepujar a reflexa dos centros do movimento; o senso do esforço é bem manifesto e a consciencia se concentra em uma introspecção mais aguda e continua, que a torna mais ou menos indifferente ás impressões externas. São "velhos" na meninice. Predominam pois os movimentos de reflexão sobre os de expansão e de extensão: os grupos musculares são mantidos em

posturas de repouso, e nas attitudes de todo o corpo se revela uma especie de cansaço que pôde chegar até a prostração. Graves, fechados em si mesmos, não se desmandam nunca, fazem a mais absoluta economia de actividade mimica. Até a physionomia, a loquela, a conducta são as de uma pessoa cansada, e offerecem caractéres expressivos de resignação, de passividade, de abandono, que formam o antipoda exacto do typo de "presença" precedente, e do typo médio da criança.

4.º) *Typo ineexpressivo* — Neste caso o aspecto externo da criança nos impressiona logo pela escassez e deficiencia dos movimentos expressivos do animo: falta-lhe reacção, não só aos estímulos externos, mas ainda aos internos. De feito, emquanto com os primeiros muitas vezes não conseguimos ultrapassar o limiar da consciencia ou despertar-o de seu estado de indifferença, com os segundos — isto é, com as sensações fundamentaes de prazer e de dor — os actos da esphera reactiva nos apparecem diminuidos em numero e energia ideo-motora. Estava quasi a dizer que elles carecem até da mais debil entonação emotiva. A physionomia e a mimica são reduzidas ás mais simples manifestações reflexas ou se acham numa condição monotona, que revela a pobreza dos processos perceptivos e ideativos e a mais ou menos absoluta suspensão e abolição da consciencia. Digamos outro tanto da linguagem nas suas varias formas pois que se pôde chegar até ao mutismo. Ha tendencia para a inercia ou para a resolução de todos os musculos: — são preferidas as posições de repouso, ou, pelo menos, certas attitudes estereotypadas ou forçadas, que maraviham pela sua estranheza pela sua constancia e pela nenhuma relação expressiva com determinados pensamentos e sentimentos; observam-se, não raro, movimentos automaticos em forma rithmica e com reiteração constantemente igual. Seja como fôr, a estas manifestações da actividade motora a consciencia parece inteiramente extranha: a personalidade é desintegrada. Os meninos que se nos apresentam com este aspecto pertencem á classe dos estúpidos, cretinos, idiotas.

Felizmente, esta categoria não é muito numerosa, e é segregada do circulo social.

\* \* \*

*Attitudes geraes do corpo* — Depois de, pela inspecção dos factos exteriores e da "presença" havermos formado um primeiro "conceito de conjuncto" sobre o estado da criança, passaremos a uma segunda phase do exame — a saber, á analyse dos dados de que aquelle conceito empirico é como que a syn-

these. E começaremos pelas attitudes geraes do corpo em relação com a funcionalidade coordenada e synchronica de todo o systema muscular. Estas attitudes, embora nas crianças não sejam organizadas como nos adultos, são o producto de habitos inconscientes e involuntarios, nos quaes se transformou pouco a pouco o exercicio, a principio consciente e voluntario da actividade motora. Os gestos necessarios se distinguem em dois grupos, conforme o individuo se conserva em estação erecta ou em locomoção.

Nos gestos de estação erecta não ha deslocação do corpo, e as acções musculares se exercem sómente para mantel-o em equilibrio estetico durante um certo tempo: a criança se nos mostra em posição erecta ou sentada, na escola.

Ha crianças que, na estação erecta, não nos offerecem nada especial: o seu aspecto é regular, as acções musculares do tronco e dos membros inferiores se executam bem, as duas metades do corpo estão em posição symetrica, e o individuo se mantem por muito tempo verticalmente sem dar mostras de cansaço ou de impaciencia. Outras vezes, porém, encontramos uma estação asymetrica: a criança pende para um lado ou para diante do centro de gravidade, apoia-se de preferencia sobre um dos membros inferiores, o dorso se curva, a cabeça verga para a frente, os joelhos se dobram algum tanto. Toda essa attitude indica o cansaço, a passividade, a pouca energia, ou então a necessidade de executar o menos possivel acções musculares. E' este o aspecto das formas phrenastenicas. Nas paradas e nas anomalias de desenvolvimento mental mesmo a estação erecta se mostra imperfeitamente desenvolvida, pois que a degeneração (idiotia, microcephalia, imbecilidade, cretinismo) impede a aquisição completa dos caracteristicos da normalidade.

Por outro lado, nas graves desintegrações da personalidade e na perda mais ou menos absoluta da vontade, o individuo se mostra incapaz de manter-se por muito tempo na posição vertical, ou ainda nas attitudes do tronco ou dos membros ou da cabeça deixa prevalecer a simples força physica de gravidade.

A posição sentada permite-nos observar nas crianças as mesmas diferenças typicas que acima notámos na estação erecta. E' essa a attitude preferida por todos os meninos que se acham em estado de depressão, de exgotamento.

As attitudes de locomoção, nas quaes o systema muscular do tronco e dos membros é todo ou em grande parte votado á contracção pelo deslocamento do corpo inteiro, reduzem-se, no nosso caso, ás varias qualidades da marcha, que são o passo, o salto e a corrida.

Será mister examinar, portanto, se a marcha é regular, mais ou menos expedita segundo a vontade do menino ou as ordens do professor; se se realisa com passos medidos e eguaes, sem que nunca se perca o equilibrio do corpo e sem oscilações anormaes dos membros e da cabeça. Mas, quando haja mudanças notaveis na tonalidade sentimental, quando o menino fôr dominado por idéas alegres, até o andar toma caractéres especiaes. Torna-se mais desembaraçado e agil, quasi saltitante. Se, ao contrario a mente é debil de nascença, ou se as faculdades mentaes se enfraqueceram por molestias da infancia, o andar se mostra apatetado e torpido. Se, ao estado geral de fraqueza accrescentarmos uma grande imbecilidade, então o andar é desordenado e incoherente, ou se dá aos saltos, em fórmula impulsiva, trasformando-se por vezes numa corrida sem escopo, desenfreada e incoercivel.

Nem faltam sobretudo nas phrenasthenias graves, movimentos decididamente animalescos.

UGO PIZZOLI

da *Universidade de Modena.*

## O movimento pedagogico na Republica Argentina

Traduzido pelo Dr. Carlos da Silveira, lente de Pedagogia da Escola Normal de S. Carlos, do livro "Nel Dominio Pedagogico" do prof. italiano Pietro Romano.

*Como se pode conhecer um movimento cultural.* — Quem se propõe a mostrar uma fórmula de cultura numa nação parece-me que deve observar se tal cultura é larga ou escassamente representada por livres amadores e por mestres, que teem o dever de commuical-a da cathedra.

Applicando tal principio a um breve exame sobre o movimento pedagogico na Rep. Argentina, tentarei pôr em relevo o culto da sciencia da educação, representado por periodicos que, cultores da pedagogia, vão indicando qual o campo em que velhos e moços estudiosos podem livremente trabalhar, e ainda pelas melhores publicações em fórmula de livro, que trazem á luz quaes os resultados das suas meditações e pelo ensino pedagogico official nas Escolas Normaes e na Universidade.

A Rep. Argentina não possui certamente longas tradições scientificas, e a cultura, que ora não escasseia nas suas tres cidades de Buenos Ayres, Córdoba e La Plata, é em grande parte importação estrangeira, mas isto não significa que, como nos outros dominios do saber, tambem no da pedagogia não se tenham reaizado progressos, tornados faceis pelo estudo e pela experiencia dos outros povos.

Exporemos objectivamente quanto, com dados seguros, nos foi possível conhecer acerca do culto da sciencia da educação na Argentina, deixando o leitor destas paginas o facil trabalho do commentario, de estabelecer confrontos e de tirar conclusões.

\* \* \*

*A pedagogia nas Revistas Argentinas.* — Com respeito, portanto, ás publicações periodicas observamos que são bastante numerosas, embóra não sejam todas de grande importancia.

Cada Conselho geral das Escolas de cada provincia publica uma *Resenha* que, como órgão official dos actos praticados pelo Conselho, acolhe artigos originaes e noticias biographicas e escolares do Interior e do Exterior. Mencionemos entre estas revistas a do Conselho geral das Escolas de Buenos-Ayres, intitulada *Revista de Educação*, que se publica mensalmente e é bastante volumosa, contendo tambem conferencias e discursos. Seu actual director é José M. Vega.

Com o titulo de *El Monitor de la Educación Común*, publica-se em Buenos-Ayres uma resenha mensal, a qual é o órgão official do Conselho Nacional de Educação, e na qual se podem ler longos artigos sobre escolas, discursos de carácter pedagogico e uma rica bibliographia. *El Monitor* é dirigido agora por F. Guasch Leguizamón. *El Boletín de Enseñanza* é o órgão de Direcção das Escolas de todos os Rios, que são, pouco mais ou menos, o que entre nós são as divisões provinciais escolares.

Volumosa e interessante é tambem a revista *El Libro*, órgão da *Asociación Nacional do Profesorado* que existe em Buenos-Ayres. Abi se encontram artigos de psychologia e sociologia pedagógica, resultados de estudos e de experiencias, de caracter physiologico e psychologico e estudos historicos.

É indubitavelmente uma das melhores publicações periodicas da Argentina e apparece em cada semestre sob a direcção de Carlos Rodriguez Etchart.

Os problemas do ensino superior e universitario são tratados de modo especial pela *Revista de la Universidad de Buenos-Ayres*. Entre os artigos dessa publicação, lembriamos especialmente os do dr. Rodolfo Rivarola, da Universidade de La Plata. Notavel é tambem o *Boletín de la Instrucción Pública*, pelas memorias interessantes que recebe.

A *Revista de Enseñanza*, órgão da Direcção Geral das Escolas, e que teve brilhantes momentos de vida, é talvez ainda a melhor resenha da instrucção primaria, emquanto que, dentre muitas publicações periodicas de escasso valor pedagogico, merece attenção o jornal escolar *El Hogar y la Escuela*, dirigido por Iole Zolezzi de Bermudez.

Artigos de indole pedagogica podem ser encontrados em outras revistas argentinas como *Ciencias y Letras* dirigido por Fl. M. Serrey; *Revista Juridica y das Ciencias Sociales*, *Revista de Derecho, Historia y Letras*, *Revista Penitenciaria* e a recente intitulada *Nosotros*. O melhor periodico pedagogico é, todavia, o da Universidade de La Plata, que se publica com titulo *Archivos de Pedagogia y Ciencias Afines*, órgão especial da Secção

Pedagogica daquela Universidade, e na qual collaboram tambem os italianos Enrico Morselli, N. C. Ferrari, L. Credaro e P. Romano. Publica-se em periodos indeterminados e forma, no fim do anno, um volume de cerca de mil paginas. Sob o aspecto pedagogico são interessantes os artigos de psychologia experimental applicada á Educação, escriptos especialmente pelo prof. V. Mercante que dirige o apreciadissimo periodico, os de anthropologia de Senet e os estudos de sociologia pedagogica, de historia da educação, de methologia — de uma constellação de cultores da pedagogia cujos ultimos escriptos seria muito longo recordar. Este periodico, que agora completa sete annos de vida, é o documento mais vivo e fecundo do movimento pedagogico argentino como se pode verificar tambem pelos artigos citados no escripto que precede o presente, neste volume. (\*)

A pedagogia nos livros. Mas se as revistas de caracter pedagogico são numerosas na Republica Argentina, não se pode repetir outro tanto das publicações verdadeiramente preciosas e originaes no campo da sciencia da educação. O que não quer, todavia, significar que faltem trabalhos bem pensados e de valor realmente scientifico. De facto o poderoso estudo de R. Senet com o titulo: *Evolución y Educación* e o outro estudo *Educación Primaria*; e *Psychologia de la Aptitud Matemática del Niño, Cultivo y Desarrollo de la Aptitud Matemática del Niño*, e *Metodologia* (1912) de V. Mercante; *Educación y Gobierno*, *La Universidad Nacional de la Plata, Colegio y Universidades, Hombres e Ideas educadores* (1912) de J. V. Gonzales, *La Educación* de Carlos Bunge, e varios trabalhos de A. Bessi, como *La Escuela Experimental de Esquina* e *Bosquejo sobre las causas de la Decadencia de la Escuela Primaria*, são obras que honrariam qualquer nação europeá. Leem-se ainda de boa vontade os livros sobre leitura e sobre ensino dos Collegios Nacionaes de Kenride de Vedia, autor da *Educación Secundaria*, os ultimos escriptos de F. A. Berra, que são considerados leis do ensino e codigos da instrucção primaria, ao pé das publicações de Ernestina Lopez, nas quaes propoz a imitação, na sua patria, da organização das escolas norte-americanas e, recentemente, foi publicado o estudo *Pedagogia y Psychologia*, de Ernesto Nelson e de Maximo Victorio, director da Escola Normal do Paraná, do qual é notavel o trabalho: *Sugestiones sobre Metodologia*.

Quanto á educação physica são considerados optimos os estudos de Romero Brest, autor dos *Elementos de gymnastica phy-*

(\*) O autor se refere a uma notazinha onde menciona as fontes a que recorreu para escrever este capitulo do seu livro.

siológicas (sistema argentino) e da *Pedagogia da educação physica* — e director da *Escola Normal de educação physica de Buenos-Ayres*, e merecem menções honrosas também alguns trabalhos de methodologia especial, como o de J. Zerda intitulado: *Nuevo método para la Enseñanza de la Historia en las Escuelas Primarias*. Entre as mais recentes publicações, lembramos ainda *Psychologia infantil* de R. Senet (1912) e *Metodologia y Enseñanza de la Historia* de V. Delfino, devendo-se notar ainda que em 1912 iniciou-se uma *Bibliotheca Pedagogica* por esforços da Casa editora Gasperini, destinada a vulgarizar as idéas modernas sobre educação das crianças.

(Continúa)

## O MEIGO IDIOMA

Conferencia realisada no Theatro Municipal pelo Sr. Adalgiso Pereira, professor de pedagogia da Escola Normal da Capital.

Não vos darei nenhuma novidade, minhas senhoras e meus senhores, se vos disser que todas as linguas têm tido, em todos os tempos, os seus panegyristas, bem como os seus murmuradores.

Saidos os primeiros, e não raro também os segundos, do proprio seio de cada uma dellas, uns e outros de ordinario se extremam no exalçar ou no deprimir respectivamente a que lhe agrada ou a que lhe desagrada — estes crivando-a de remoques, aquelles sobrepondo-a a todas as mais.

Certamente, é razoavel, é generoso, é, sobretudo, patriotico o proceder dos que á tamanha altura elevam a lingua em que nasceram. E por excessivo que se nos figure tal agir, ninguem dirá que lhe seja preferivel o dos que com desdem ou indifferença a consideram...

Não escapou a nossa ao fadario commum. Innumeros são, na verdade, os seus apologistas e porventura os seus detractores, com a differença de que aquelles se eternizaram no reconhecimento dos que lhes succederam, ao passo que a estes... nem o nome se lhe sabe!

Entre os primeiros — pois que só elles merecem ser lembrados — sem já falar no creador da lingua a quem ella deve o mais alevantado monumento de que possa gloriar-se, avulta esse nobilissimo Ferreira de quem me permittireis que recorde, por opportunos, os sabidissimos versos em que vasou o immenso amor que lhe votava:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva  
a portugueza lingua, é já onde fôr  
senhora vá de si, soberba e altiva.  
Se té qui esteve baixa e sem louvor,  
culpa é dos que a mal exercitaram;  
esquecimento nosso, e desamor.

Como vêdes, minhas senhoras e meus senhores, na singeleza que as reveste, essas rimas expressam um voto e simultanea-

mente uma censura: voto que devemos perfilhar, porque se refere á prosperidade do nativo idioma; censura que, se era justa e cabida ao tempo em que se formulou, não sei se será menos, volvidas tres centurias...

Com effeito, parece que juntamente com a lingua herdámos uma certa desestima por ella — pelo menos essa dose de desestima com que em regra a trataram os que nol-a transmittiram. Porque tereis notado que a increpação de semelhante pécha é frequentissima: em todos os periodos da lingua nol-a deparam os seus mais insignes servidores, que não se cansam em alancsar em rosto aos compatricios. Era mesmo este — no dizer de Rodrigues Lobo, de que estareis lembrados — o unico mal que a combalia: o de tão pouco lhe quererem os seus naturaes, que a traziam mais remendada que capa de pedinte... Por seu turno, seculo e pouco mais tarde, com identica franqueza verbera Filinto Elysio os seus coevos, persistentes na balda, e, já agora tambem incriminados de perferirem ao materno o falar alienigena:

Nós prezamos tão pouco a nossa lingua,  
que tão sorrrente as outras aprendemos,  
Em desar da rativa; e a ser-nos dado,

Na franceza escrevêramos, faláramos,  
Como ja na hespanhola, por lisorja  
E por louca vaidade, compuzemos!

Este ultimo facto, a que indignado allude o poeta, não passára, a seu tempo, sem protesto — o que mostra que em todas as épocas teve a lingua os seus leaes vassallos. Effectivamente, dára-lhe o alarma o citado Antonio Ferreira, na celebre epistola a Pedro de Andrade Caminha, a quem o missivista, reprochando-lhe o escrever em castelhano, lembra que:

Gethas, arabios, persas e chaldeus,  
gregos, romãos e toda a outra gente,  
nascem, vivem, e morrem para os seus.

Admoestação que succede a esta salutarissima advertencia — tão opportuna hoje em diante como ha tres seculos atraz:

Do que se antigamente mais prezaram  
todos os que escreveram, foi honrar  
a propria lingua, e nisto trabalharam.  
Cada um andava pola mais ornar  
com copia, com sentenças e com arte,  
com que pudesse doutras triumphar.

Convem recordar, antes de irmos além, que os mais dos que em linguas hespanholas compuzeram, viveram nas proximidades ou mesmo no periodo de eclipse da nacionalidade lusitana. Sem embargo, não lh'o perdoa Filinto, que por esta fórma se-vero os apostropha:

O! desdouros da patria! ó inimigos  
Da lingua em que nascestes, vos creastes,  
Da lingua a quem deveis todos os lucros  
Do saber, do talento e engenho vosso!  
E esquecel-a podestes? desprezal-a?  
Negar-lhes fóros de caudaes estudos?  
Quem sabe se esse immerito descuido  
Dos bons, que aformosaram vosso idioma,  
Se esse cultivo de estrangeira phrase  
Não foi a lanca mais aguda e forte  
Que lhe abriu as feridas mais profundas?  
Talvez se não cessasseis de alinhá-la,  
De a alimentar com vosso estudo e lida,  
Seria ainda hoje aquella que com tanto  
Brado se fez no mundo honrada e altiva.

Comparae agora o que acabaes de ouvir com que em torno de vós se passa — e dizei-me se, no tocante á lingua, não são approximadamente análogas ás descriptas as nossas condições nos dias que correm... Sabeis que em relação ás linguas estrangeiras chega a ser proverbial a predilecção que geralmente lhes votamos. Claro está que não haveria grande damno em que as cultivassemos, se dêssemos tambem á nossa a attenção que ella requer. Mas nem ao menos reflectem os que ás outras se entregam que sem esta jamais alcançarão possuil-as como pretendem: o que dá em resultado o ficarem com varias meias linguas — como o observa De Amicis — e inhabilitados a terem uma inteira com que mais bem servidos se veriam...

Em summa — está com a razão Filinto Elysio:

Como? Em cadoz de ingrato esquecimento  
Deixarmos a linguagem que nos serve  
Em tratar os negocios, as usanças  
Desta vida civil, razões de estado  
Co'os os nossos conterraneos, co'os amigos,  
Em dar pasto co'as damas ás mais puras  
Mais brandas affecções do animo humano,  
Para dar todo o estudo a estranhas linguas!

Pois bem. Cento e poucos annos passaram sobre os seus versos. Entretanto — soffrei que vol-o diga — se me asseparassem haverem sido escripto hoje, e não já para os seus compatriotas, mas, para os que desde outro lado do Atlantico se entendem na mesma lingua, não se maravilhariam a nova — tão actuaes são elles e tão merecida nos seria a reprehensão que encerram.

Por isso entendi de reedital-os, em seguida aos de Ferreira.

E' que me parece azado o ensejo para aviventar no animo da juventude que me escuta esse nobre ardor com que todos devemos acudir aos grandes interesses nacionaes, especialmente na hora de angustias que atravessamos e em que não nos é dado prever que surpresas nos reservarão os fados. E que mais vital interesse para um povo do que a lingua que lhe legaram os seus maiores? Zelar-lhe a pureza, exaltar-lhe as excellencias e até mesmo vituperar a acção dos que a corrompem, é dever que a todos nós assiste. Cumprindo-o, evidenciamos o nosso respeito á memoria dos passados, a vossa reverencia á nacionalidade, o nosso vigilante amor á terra da patria. Já se disse, e com razão, que a patria é propriamente a lingua nacional. Pois bem: como poderemos amar áquella, se monospreamos a esta? E como poderemos prezar a esta, sem procurarmos conhecê-la? Sómente conhecendo-a nos é possível dar-lhe o affecto intelligente, o prestadio carinho que ella de nós reclama. Quando outros motivos não houvesse para a cultivarmos e, consequentemente, para a amarmos sobre todas as outras, bastaria este unico a nos decidir a isso: o ser — a nossa lingua! Velemos, pois, por ella, buscando conservar-lhe na medida em que nol-o permittirem circumstancias de meio e de tempo, o seu fulgor de antanho. Se o fizermos, ao desfallecimento universal em que a melancolia do presente tende a paralyzar as mais vivas energias, sobreparará, ao menos, para consolo nosso

o meigo idioma,  
abundante, e grandioso, e brando, e fero

como della canta, com tão sentido enthusiasmo e commoção, um de seus mais ardentes defensores.

\* \* \*

Mas injusto seria eu, minhas senhoras e meus senhores, se, tratando de uma lingua commum a dois povos, só me referisse ao mais novo delle, e precisamente ao que de mais perto nos interessa, para lhe verberar o menoscabo em que a mantém. Menoscabo de que aliás a desaffronta uma luzida e não pouco numerosa legião de espiritos que no passado e no presente por

ella terçaram e terçam com galharda segurança. Assim é que trazida para a terra americana, essa lingua que no torrão nativo já florescia ha quatro seculos, aqui encontrou cultores que lhe deram e dão ainda um viço especial e não inferior ao que ella dalli trouxera. Senão, escutae neste soneto de Olavo Bilac a mais recente apologia que della conheço — apologia que não está sómente nos conceitos com que o poeta a gratifica, mas tambem, e a demais disso, na elegancia, distincção e vigor com que o artista dedilha o seu instrumento:

Ultima flor do Lacio, inculta e bella,  
E's a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lyra singela,  
Que tens o trom e o silvo da procella,  
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: « meu filho! »  
E em que Camões chorou, no exilio amargo,  
O genio sem ventura e o amor sem brilho!

Eça de Queiroz queixou-se certa vez, de que, com toda a sua opulencia, a lingua portugueza ainda era escassa em côres com que se pintassem selvas. E' possível que a excepcional sensibilidade do artista experimentasse de uma maneira inedita os effeitos chromaticos das florestas — de sorte que seria natural que os vocabularios não registassem os termos que a sua requintada visualidade reclamava. Em todo caso, tenho para mim que a nossa lingua só não será capaz de exprimir, ao menos com relativa approximação, o que verdadeiramente não pensarmos ou não sentirmos. Como quer que seja, aqui vos trago duas florestas, ambas em verso, alem de um bosque, em prosa, para que possaes apreciar, atravez de trez temperamentos inteiramente dissemelhantes, o auxilio que lhe prestou essa mesma lingua tachada de deficiente, na exteriorisação das suas respectivas impressões. Seja a primeira a que serve de moldura ao bellissimo episodio da campanha abolitionista em nossa terra — «Fugindo ao captiveiro» de Vicente de Carvalho:

A matta é tropical: basta, quasi macissa  
De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante,  
Que imperturbavelmente immovel, inteiriça  
Sob a rija gahada o torso de gigante,  
— Uma vegetação turbulenta e bravia  
Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:  
Moutras de craguatás aggressivos: rasteiras  
Trapoerabas tramando o chão todo; touceiras  
De brejaúva, em riste as flexas óuriçadas  
De espiuhos; e por tudo, e em tudo emmaranhadas  
As trepadeiras, em redouças balouçando  
Hastes vergadas galho a galho acorrentando  
Arvores, afogando arbustos, brutalmente  
Enlaçando á jissara o talhe adolescente . . .  
Cem especies formando a trama de uma sebe,  
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe  
Da floresta, opprimida e em perpetuo levante . . .

Accesa num furor de seiva transbordante,  
Toda essa multidão desgrenhada — fundida  
Como a conflagração de cem tribus selvagens  
Em batalha — a agitar cem formas de folhagens,  
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.  
Na confusão da noite, a confusão do matto  
Gera allucinações de um pavor insensato,  
Aguça o ouvido ancioso e a visão quasi extincta:  
Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta  
A mal ouvida voz da tremula cascata  
Que salta e foge e vae rolando aguas de prata.  
Rugem sinistramente as moutras susurrantes.  
Acoutam-se traições de abysmo numa alfombra.  
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.  
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

Ouvi agora — Alberto de Oliveira:

Um chão de folhas sob um céu de flores,  
Eis a matta. Recebe-nos á porta  
Do templo de verdura,  
Azul, trefega, leve borboleta;  
Vae volateando inquieta,  
Recruza o atalho, o espaço corta,  
E nos guia na selva espessa e escura.  
Outras, alada chusma de mil cores,

Vem-lhe ao encontro, farfalhando. Agora  
Vê onde mais surpreso  
O olhar se te demora:  
Olha estes ramos a vergar com o peso  
Das begonias em flôr; olha o disforme  
Entrelaçado de cipós que os fios  
Lembram suspensos de uma aranha enorme;  
Olha estes hartos troncos, luzidios  
Uns, rófos outros, uns desempenados,  
Outros recurvos, tortos, semelbando  
Em contorsões vultos de condemnados;  
Olha . . . Este grito? este tinir que escutas  
De martello em bigorna? estes gemidos?  
Estes soluços e risadas longas,  
Ais, assobios, e de quando em quando  
Silvos, cochichos, guinchos e estalidos?  
São aves, são gaviões, são arapongas,  
São guaches e tucano, são nas grutas  
Insectos e reptis. . . Canto assombroso!  
Symphonia phantastica!  
Ella ouvia.  
— Que é isso? E eu lhe explicava  
O hymno da selva.

E agora — o bosque de Coelho Netto:

Havia ainda orvalho nas folhas; gottas desprendiam-se ao minimo contacto. O solo humido e macio afundava, de vez em vez, debaixo dos pés — eram poças que a velha folhagem acamada escondia insidiosamente. O cheiro acre de capim gordura impregnava o bosque, mas sentia-se o halito forte e sadio de todas aquellas arvores, de todas as pequenas plantas humilhes que viviam de rasto, florescendo em tapete, forrando os trilhos com um estofo avelludado e fresco, onde a vida alegre e cantante dos insectos palpitava. As grandes arvores graves, de uma sobranceira austera, protegiam com as sombras immensas dos seus galhos os arbustos que cresciam em torno do tronco pujante, como uma caravana abrigada sob o tendal. O caminho era estreito, sinuoso, todo ornado de sensitivas que murchavam mal se lhes tocava; sobre elle derramavam-se os galhos faceiros das samambaias e os ramos flexiveis dos heliotropos pontilhados de florinhas miudas que rescendiam. Uma grande extensão de planície inculta estava estrellada de boninas douradas e, de quando em quando, de uma mouta de já bravo com

os seus lindos fructos de coral e ouro. De algumas arvores caía em filamentos o cipó-chumbo ou era a barba de velho emaranhada, que se entoscava nos galhos, formando grandes ninhos ou pendendo em filandras que mollemente o vento sacudia. Borboletas appareciam confiadas, voando, sem receio, de um canto para outro, ora ao sol com fulgurações de azas de saphyra ou de prata ou tremulas, tremulas pairando acima de uma vergonhea onde pausavam unindo as azas, aquecendo-se a um raio de sol, e o trillar dos grillos ia num crescendo á proporção que o grupo penetrava devassando o interior tranquillo do bosque. Já começavam a chegar o doce murmurio da agua e o rumorejo dos bambús que faziam uma abobada verde sobre a agua serena.

Dispensó-me de commentar, por amor á brevidade, esses tres primores descriptivos. De resto, cada um delles fala sufficientemente por si, pelo respectivo autor e ainda pela lingua que espero ter sido desaggravada da imputação de pobreza de tintas com que avivar florestas. E enquanto examinaes os auttos, deixae-me lembrar-vos que a todos os generos literarios se tem magnificamente prestado em nosso meio essa lingua em que se hão fixado, com relevo por vezes original e sempre palpitante, as nossas sensações de povo quasi infante — sensações decorrentes dos aspectos da natureza que nos cerca ou da sociedade que vamos consolidando a pouco e pouco.

Ser-me-ia impossivel, no curto espaço de que disponho, mostrar-vos tudo o que entre nós tem feito os criadores de belleza, em prosa ou verso, auxiliados por uma lingua de que só blasphemam, por via de regra, os impotentes. Em todo caso, se quereis deleitar-vos ainda com os accentos desse dulcissimo instrumento, escutae o «Cair das folhas» dessa incomparavel «Rosa. . . rosa de amor» com que Vicente de Carvalho soube, numa época de chata materialidade, reviver e fazel-a vibrar a nota lyrica tão grata á nossa alma enamorada de sonhadores:

«Deixa-me, fonte ! » Dizia  
A flôr, tonta de terror.  
E a fonte, sonora e fria,  
Cantava, levando a flôr.

«Deixa-me, deixa-me fonte ! »  
Dizia a flôr a chorar :  
«Eu fui nascida no monte. . .  
«Não me leves para o mar. »

E a fonte rapida e fria,  
Com um sussurro zombador,  
Por sobre a areia corria,  
Corria levando a flôr.

«Ai balanços de meu galho,  
«Balanços do berço meu ;  
«Ai claras gotas de orvalho  
«Cahidas do azul do céu. . .

Chorava a flôr, e gemia,  
Branca, branca de terror,  
E a fonte sonora e fria,  
Rolava, levando a flôr.

«Adeus, sombra das ramadas,  
«Cantigas do rouxinol ;  
«Ai festa das madrugadas,  
Doçuras do pôr do sol ;

«Caricias das brisas leves  
«Que abrem rasgões de luar. . .  
«Fonte, fonte não me leves,  
«Não me leves para o mar ! . .

As correntezas da vida  
E os restos do meu amor  
Resvalam numa descida  
Como a da fonte e da flôr. . .

Ou ainda, do mesmo poeta, cuja lyra é tão rica e varia, estas estancias «A um velho», repassadas do desalento que nos infunde a fatalidade dos annos que nos afastam do berço :

Velho, resumes a velhice inteira :  
Cançado approximar do eterno somno,  
Bruxoleio de lampada agoureira,  
Melancolica tarde em céu de outono ;  
Abysmo onde a alma cheia de canção  
Dorme, dos desenganos carcomida,  
E para onde me arrasta cada passo  
Com que tropeço pelo chão da vida.

Vendo-te, lembra-me a velhice, ó velho!  
 Sombra que foste aurora e primavera,  
 Olho te e vejo como num espelho  
 A imagem do futuro que me espera.  
 Ha de tambem cair, saudosa e calma,  
 Sobre o meu dia a tarde merencoria,  
 E assistirei morrerem na minh'alma  
 Sonhos de amor, aspirações de gloria. . .

Em ti bem vejo o que hei-de ser, lá quando  
 Para o diante, seducções e enganoso  
 Da mocidade — forem-me rolando.  
 A' correnteza rapida dos annos;  
 Quando a força vital que hoje me anima  
 Fugir-me aos frouxos membros, e eu no escuro,  
 Erguer os olhos pelo céu acima. . .  
 E não achar nem astros, nem futuro.

Deve ser triste olhar para os caminhos  
 Da vida, e ver, na troca das edades,  
 Flores transfiguradas em espinhos,  
 Esperanças mudadas em saudades.  
 Deve ser triste, por um chão agreste,  
 Desiludido de illuzões fallazes  
 Ir procurando a sombra do cipreste  
 Como se fosse um derradeiro oasis. . .

De que vale viver, se a vida é isto?  
 Se se vae no caminho solitario  
 Como esse pobre e condemnado Christo  
 Subindo a ingreme encosta do Calvario?  
 Ai, corremos atraz de uma miragem,  
 De olhos postos no azul do firmamento,  
 Para alcançar no termo da viagem  
 A morte, e antes da morte o desalento.

Aves! Sois mais felizes que noss'alma!  
 Rosas! Sois mais felizes do que somos!  
 E vós, arvores, ramos que, na calma  
 Do estio, abris os purpúreos pomos:  
 O inverno que vos cala e vos desfolha,  
 Aves e flores, passa; o estio volta. . .  
 E a nós não volta uma perdida folha,  
 Uma illusão que o desengano solta.

Vendo-te, lembra-me a velhice, ó velho!  
 Sombra que foste aurora e primavera,  
 Vendo-te, vejo como num espelho  
 A imagem do futuro que me espera:  
 Ha de tambem cair, saudosa e calma,  
 Sobre o meu dia a tarde merencoria,  
 E assistirei morrerem na minh'alma  
 Sonhos de amor, aspirações de gloria. . .

E Machado de Assis em quem a lingua conserva, bem como em Ruy Barbosa, o sabor classico, sem que entretanto se lhe note o tom archaisante insupportavel aos que com elle se não familiarisaram? «Uma creatura» — que ides agora ouvir — dá idéa bem nitida do versejar desse poeta forrado de um pensador:

Sei de uma creatura antiga e formidavel,  
 Que a si mesma devora os membros e as entranhas  
 Com a sofreguidão da fome insaciavel.

Habita juntamente os valles e as montanhas;  
 E no mar, que se rasga, a maneira de abysmo,  
 Espreguiça-se toda em convulsões extranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo;  
 Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,  
 Parece uma expansão de amor e de egoismo.

Friamente contempla o desespero e o goso,  
 Gosta do colibri, como gosta do verme,  
 E cinge ao coração o bello e o monstruoso.

Para ella o chacal é, como a rola, inerme;  
 E caminha na terra imperturbavel, como  
 Pelo vasto areal um vasto pachyderme.

Na arvore que rebenta o seu primeiro gomo  
 Vem a folha, que lento e lento se desdobra,  
 Depois a flor, depois o suspirado pomo.

Pois essa creatura está em toda a obra:  
 Cresta o seio da flôr e corrompe-lhe o fructo;  
 E é nesse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o polluto e o impolluto;  
 Começa e recomeça uma perpetua lida,  
 E sorrindo obedece ao divino estatuto.

Tu dirás que é a Morte; eu te direi que é a Vida.

Da serenidade desta arte tão sincera e tão pura, passemos á não menos pura e sincera destes quartetos da «A estatua e a rosa», de Amadeu Amaral — poeta cujos accordes já teriam feito o giro do paiz inteiro, se ao paiz preocupassem as nossas cousas intellectuaes :

Pelo sóco de pedra, ao sol da manhan branda,  
vê a Estátua enroscar-se uma rama espinhosa.  
Qual se a vida animasse a votiva guirlanda,  
entre as flores de bronze expande-se uma Rosa.

Milagre natural, mimo da primavera,  
entre as fórmãs e a côr a atenção lhe reparte.  
O insondavel mistério onde a vida se gera  
florindo no esplendor de um leve sonho de arte !

Mas a Rosa, soerguendo a corola orvalhada,  
soluça a magua atroz que a alma de flôr lhe corta :  
«—Tu, por homem mortal concebida e talhada,  
«tu não morres, Estátua ! Eu amanha sou morta.

«O meu viço é agonia. Um fado bem diverso  
«te assegura uma vida esplendida e tranquilla.  
«O sol, meu pai e algoz, juntou, meigo e perverso,  
«ao vigor que me exalta o mal que me aniquila...

E a Estátua respondeu :

«—Rosa invejo-te a sorte.  
«A glória de durar é uma longa miséria,  
«Que ironia, viver, engolfada na morte,  
«a vida van da fórmula e o somno da matéria !

«Eu provenho de um sonho, e essa flôr de poesia  
«só dentro da alma brota, e fenece onde medra.  
«Em nascendo, tornei-me a carcassa vasia  
«da illusão que intentou eterniza-lo em pedra.

«O sonho é um torvelim sem medida e sem norma,  
«é um latejar de vida, onda fervente e amarga.  
«A obra de arte, ao sair da mão que lhe dá fórmula,  
«é a vasa densa e vil que a onda, refluindo larga...

«O sonho de beleza, esse estado de graça,  
«não se fixa jamais ; move-se como a vida.  
«A obra surge, e resplende... Elle prosegue e passa...  
«E a obra viva e perfeita é a que não foi concluída...

«Um dia serei pó. Tu, viverás, rubente,  
«enquanto o mundo rola ao sol de ouro que te ama.  
«Tu, sim, refflorirás indefinidamente,  
«com essa fórmula, essa côr, esse orvalho, essa flama.

«Tu, sim, és immortal nessa fragilidade.  
«Tu, sim, ostentarás, pelos tempos em fóra,  
«a perpétua frescura, a eterna mocidade.  
«—inda revelação de cada nova aurora !

Por ultimo, para fechar a série dos poetas — série numericamente escassa, está visto, porque me limitei a alguns contemporaneos apenas — e antes de passarmos á prosa de dois grandes mestres da lingua, ouçamos esta bellissima paraphrase de Victor Hugo, na qual o estro de um de nossos maiores artistas do verso, Raymundo Coirêa, patenteia infinita cópia dos recursos que pôde ministrar o materno idioma a quem o sabe menear :

O dia acorda ! Deus por uma fresta  
Das nuvens a espreitar, ri-se. A floresta,  
O campo, o insecto, o ninho sussurrante,  
A aldeia, o sol que tingem a serrania...  
Tudo isso acorda, quando acorda o dia  
No fresco banho de ouro do Levante.

Deus sonha ! Vasa os olhos d'agua ; pica  
As arterias da terra ; o liz fabrica ;  
E da materia sonda o fundo ovario ;  
Pinta as rosas de branco e de vermelho,  
E faz das azas vis do escaravelho  
A surpresa do mundo planetario.

Homens ! As ferreas naus de velas largas,  
Monstros revéis, formidolosas cargas  
Do bruto oceano arfando ás insolencias ;  
Extenuando os ventos, e nos flancos  
Longo enxame a arrastar de frócos brancos  
De escuma, e raios e phosphorescencias...

Os estandartes de arrogantes pregas ;  
As batalhas, os choques, as refregas ;  
Nauzeas de fogo de canhões sangrentos ;  
Feroz carnificina de ferozes  
Batalhões — bando espesso de albatrozes  
De aza espalmada e aberta aos quatro ventos ..

Comburentes, flammivomas bombardas.  
Ignea selva de canos de espingardas,  
Estampidos, estrepitos, clangores ;  
E, bebado de polvora e fumaça,  
Napoleão que galopando passa  
Ao rufilar de fieneticos tambores ;

A guerra, o saque, as convulsões, o espanto ;  
Sebastopol em chammas ; de Lepanto  
O vau de lanças e clarins repleto...  
Homens ! Tudo isso, emquanto recolhido  
Deus sonha, passa e sôa ao seu ouvido.  
Como o rumor das azas de um insecto !»

\* \* \*

Venhamos, emfim, á promettida prosa. Certamente, ser-me-ia gratissimo, se não temesse alongar-me demasiado, lembrar-vos, documentando a, a opulencia, a vivacidade, o colorido de linguagem de tantos escriptores patricios a quem tão mal remuneramos os serviços que nos prestam, votando-os ao olvido. Contentemo-nos, pois, com os exemplares seguintes, que, de resto, sobejamente vos pagarão o trabalho de escutar-os. No primeiro, encontrareis magistralmente descripta uma scena frequente nos sertões do norte : «O estouro da boiada». Como sabeis, devemos esta pagina vigorosamente movimentada á penna de Ruy Barbosa.

Ouçamol-a :

Já vistes explicar o «estouro da boiada» ?

Vai o gado sua estrada, mansamente, róta segura e limpa, chan e larga, batida e tranquilla, ao tom monotono dos «eias !» dos vaqueiros. Caem as patas ao chão em bulha compassada. Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a inconsciente resignação das alimarias, oscillantes as cabeças, pendente a margem dos perigalhos, as aspas no ar em silva raseira por sobre o dorso da manada. Dir-se-ia a paciencia em marcha, abstracta de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta anda-

dura, espartada automaticamente pela vara dos boiadeiros. Eis senão quando, não se atina porque, a um accidente minimo, um bicho inoffensivo que passa a fugir, o grito de um passaro na capoeira, o estalido de uma rama no arvoredo, se sobressaita uma das rezes, abala, defecha a coirer, e após ella se arremessa, em doida arrancada, atropelladamente, o gado todo. Nada mais o reprime. Nem brados, nem aguilhadas o detêm, nem tropeços, voltas ou barrancos por d'avante. E lá vai, incessantemente, o panico em desfilada, como se os demonios o tangessem, leguas e leguas, até que, exausto o alento, esmorece e cessa, afinal, a carreira, como começou, pela cessação do seu impulso. Eis o estouro da boiada.

O segundo exemplar que vos proponho, admirar-o-eis neste inimitavel apologo de Machado de Assis — «A agulha e a linha» :

Era uma vez uma agulha, que disse a um novello de linha:

— Porque está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo ?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe ? Que a deixe, porque ? Porque lhe digo que está com um ar insupportavel ? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça senhora ? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar ? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— De certo que sou.

— Mas por que ?

— E' boa ! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu ?

— Você ? Esta agora é melhor. Você é que os cose ? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu ?

— Você fura o panno, nada mais ; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso ? Eu é que furo o panno, vou adiante, puxando por você, que vem atraz, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Tambem os batedores vão adiante do imperador.

— Você imperador ?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante ; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e infimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou á casa da baroneza. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baroneza, que tinha modista ao pé de si, para não andar atrás della. Chegou a costureira pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo panno adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira ageis como os galgos de Diana para dar a isto uma côr poetica. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia ha pouco? Não repara que esta distincta costureira só se importa commigo? Eu é que vou aqui entre os dedos della, unidinha a elles, furando a baixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ella, silenciosa e activa como quem sabe o que faz e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ella não lhe dava resposta, calou-se tambem e foi andando. E era tudo silencio na saleta de costura; não se ouvia mais do que o plic-plic plic-plic da agulha no panno. Cahindo o sol a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veu a noite do baile, e a baroneza vestiu se. A costureira que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho para dar algum ponto necessario. E enquanto compunha o vestido da bella dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dalli, alisando, abotoando, acolcheteando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baroneza, fazendo parte do vestido e da elegancia? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha nada disse; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiencia, murmurou á pobre agulha: — Anda, aprende, tola.

Canças-te em abrir caminho para ella e ella é que vai gozar da vida, enquanto ahí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguem. Onde me espetam, fico.

Contei esta historia a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — tambem eu tenho servido de agulha a muita linha ordinaria! »

Ahi tendes, minhas senhoras e meus senhores, uma amostra do que hão sido a nossa lingua e as nossas letras nestes ultimos tempos. Amostra incompleta, incompletissima embora — ainda assim, do seu exame podereis aquilatar a veracidade do que ha bocado vos dizia sobre a cultura do patrio idioma. Entre os que lhe dedicam uma parcela de sua actividade mental, notareis que uns se afferram, talvez um tantinho a mais do que fôra de mister, á tradiçãõ, ao passo que outros liberalmente transigem com o meio em que se vão formando. Resta, entretanto, saber se nessa transigencia não se acouta uma tal ou qual incurria no amanho da phrase. Certamente, já o nosso falar e escrever se distancia bastante do de Portugal. Todavia, não é isto razão para que de todo rompamos o fio tradicional que á metropole da lingua ainda nos prende.

Por outro lado, frequentemente se tem alludido, em nossos dias, á corrupçãõ do vernaculo. E' exacto que o que muitas vezes se ha designado por esse vocabulo vem a ser simplesmente as alterações que toda lingua soffre no correr do seu existir, e independentemente da vontade dos individuos. Não será isso, em parte, o que se dá com a nossa? Em parte — digo, porque, se o introduzir-lhe na circulaçãõ termos e expressões novas não é corrompê-la, irnegavelmente o é o eival-a de barbarismos escusados, e, peor ainda, de solecismos, como entre nós se vem observando com alarmante persistencia. As linguas evoluem, sem duvida, e rematada ingenuidade seria o querer fixal-as em padrões definitivos. A questãõ, porém, é que abundam e fazem carreira os que, allegando o evoluir da lingua, se dispensam de aprendê-la, acobertando-se com um deslavado euphemismo do labéo que lhes acarreta o ignoral-a. Contra isto é que devemos reagir. E reajamos chamando a attenção dos moços para as riquezas que nos legaram os que nos precederam — patrimonio que benemeritos coetaneos forcejam por augmentar, desastradamente em pura perda para a geraçãõ de hoje, que por elle de todo em todo se desinteressa. Com tantos e tão excellentes modelos da nativa linguagem, haveria rasão para que a tivéssemos castiça... Tel-a lamos, de certo, se delles não desviassemos a vista, desattentos a que vai em tal desidia o futuro da nacionalidade. Não, minhas senhoras e meus senhores! — honremos os que neste paiz se têm dado ao ingrato labor de lavar, de enriquecer, de nobilitar a lingua em que nos exprimimos. Leiamol-os, meditemol-os, sigamolhes o exemplo — aprendamos, em summa, de uma vez por todas, a ser o que sempre deveriamos ter sido: uma Naçãõ que a si propria se respeita, no respeito que á sua lingua consagra.

15 de Novembro.

ADALGISO PEREIRA

## ESCOLA NORMAL PRIMARIA DE GUARATINGUETA

Discurso aos professorandos de 1914, pelo paranympho, professor Julio B. Costa

« Não encontrar a verdade é o menos; o essencial é procurá-la. Quem a procura com sinceridade faz o seu dever. »

« Calar o que fere o consagrado é commodo; mas impede, ou que o verdadeiro se dissemine, ou que os erros de apreciação, a impostura quiçá, recebam o salutar correctivo. »

*Illmo. Snr. Representante do Governo e d. d. Autoridades locais.*

*Illmo. Snr. Director.*

*Illmos. Snrs. Representantes do «Gremio Normalista Onze de Abril»,  
Associações e Imprensa.*

*Illustrado auditorio.*

*Collegas:*

*Eu vos saúdo.*

Afilhados.

Ha homens cujas tendencias mais características, cujas aspirações mais imperiosas recebem orientação predominante de um acontecimento unico da existencia, que violentamente os tenha emocionado. São, bem o sei, vontades fracas, psychismos debeis e pouco evoluídos, mas não me impede isso confessar-vos que sou um d'esses homens.

A morte de meu pai exerceu sobre mim influencia radical. Tributava-lhe verdadeira idolatria. E quanto a mercês! Hoje ainda, hoje mais que nunca, — e lá se vão 22 annos, — evocando, analysando os traços da sua inconfundivel individualidade, do seu character tao firme, minh'alma se ajoelha para a memoria venerar-lhe.

Aos 13 annos, bebi-lhe os ultimos lampejos do olhar profundo e doce — olhar inesquecivel! que aos poucos se apagava; nas minhas recebi o espasmo derradeiro da sua longa mão, mão generosa, que tão somente o tem na terra semeára; com os labios enxuguei os frigidios suores que lhe alijravam a fronte alevantada e nobre, escrinio augusto de pensamentos santos,

então marmorea e livida; e desde então, desde que vi, inerte, frio, hirto, aquelle corpo amado, que eu quizera arrebatár á gelidez do tumulto, que no meu proprio sêr quizera transfundir, — começou a preocupar-me o phenomeno da vida, da morte, essencia e destino do homem. Essa preocupação, a principio torturante, mais tarde familiar, ou antes impregnada de melancolia agri-doce, empolga-me. só por intermittenças me abandona. E' o pivot das minhas cogitações mais intimas, o centro para onde convergem e d'onde se irradiam as minhas idéas mais caras sempre que lhes respeito o espontaneo evolver.

Eis, meus afilhados, uma feição mental que a vós — DISCIPULOS occultei sempre com rigoroso escriptulo, mas que a vós COLLEGAS esclarecidos, a vós AMIGOS indulgentes, desvelo sem reluctancia, mesmo para menos obscuro tornar-se o sentido de muitas das linhas que ides ouvir, linhas sem nenhum brilho e de nullo valor de certo, linhas eivadas de muita cousa sedicã, tracejadas sob a pressão de meus dilectos scismares.

Escutai o que supponho verdade.

\* \* \*

*«Perante o sepulcro mudo,  
Murmuram: tudo acabou!  
Engano: começou tudo!  
Ou melhor: recomeçou!»*

Vive da luz e na luz. Entanto, por incontaveis tempos, deschece-a: é cego, é raiz. Crystal talvez.

Um dia — sublime despertar! raios fugidicos espancam-lhe a cegueira. Offusca-se, d-slumbra-se, desmaia! Baixa as palpebras, para de novo soerguel-as, novamente deslumbrar-se, novamente desmaiar. Albinismo é que o affecta. Reptil, rasteja.

Seculos amontoam-se. Pigmentos protectores invadem-lhe a choroide. Supporta a luz na aurora e supporta-a no poente. E' casco, é garra.

Outros seculos se amontoam. Affeita á claridade, a retina já supporta o meridiano esplendor. A' garra alliou-se a aza.

Um passo mais, e o homem, — a *psyché* que o anima —, vivendo da luz na consciencia da luz, impregnada de luz, estremecendo a luz, já sem deslumbramentos, sem desmaios, aza, enfim! — desfre o vôo soberano e largo, singellamente, serenamente em busca da Luz — origem, Luz — creadora, Luz — eviterna, Luz da Luz, Deus infinito!...

...E que termo reserva esse peregrinar sem treguas á aza que já foi pedra e já foi limo e foi raiz e garra e casco e ventre rastejante?!...

...Razão embryonaria, miserrimo rhizopode, é cedo ainda para escalar a estrella!... Lobrigaste a Lei: que isto te contente!...

A Lei... silencio!... PROGREDIR, LIBERTAR SE: eis a consequencia da Lei.

Afilhados: —

A vida é para dedilhar-se a gamma do progresso. Ah! não se fira nunca a tecla já ferida!...

O destemor da morte, faz-nos fortes: não temamos a morte! O respeito á vida faz-nos bons: respeitemos a vida! A perspectiva... do futuro torna-nos melhores: encaremos o futuro!...

PROGREDIR!  
LIBERTAR-SE!

*Estes me dizem: és livre!  
Escravo — dizem-me aquelles!  
A verdade, quem m'a diz?*

Qual a temperatura desta barra metálica! — A mesma do ambiente. Si este se aquecer ou resfriar-se, ella se aquecerá ou resfriar-se-á de igual numero de graus. Esta barra, a materia bruta ainda, é incapaz de reagir (pelo menos de modo mensuravel) contra tal servilismo. Seu estado thermico é *absoluta, passivamente* regulado pelo meio.

Demos um salto: tomemos d'este humilimo peixinho. A sua temperatura baixa, sóbe, quando a do rio baixa, sóbe, mas é sempre superior á d'este de uns 2 ou mais graus. Eis um *determinismo thermico já attenuado*.

Um salto mais, salto immenso: observemos o homem sob aspecto identico.

A neve cái, o brazeiro crepita; o gelo quer tragal-o, a fornalha o ameaça: desolado contempla a opala das banquises ou topazio dos desertos; marca o thermometro 5,10, mais graus abaixo ou 50,60, mais graus acima de zero: elle pode manter temporariamente ao menos, os quasi 37 graus de que carece.

Mostra, pois, a materia organizada uma RESISTENCIA — proporcional ao aperfeiçoamento das fórmas — ao DETERMI-

NISMO THERMICO TÃO ABSOLUTO NA MATERIA BRUTA. (1)

Facto tanto ou quanto similar, Snrs., se nos depara analysando o homem sob o ponto de vista da faculdade volitiva. SI TEM DE FATALMENTE PROGREDIR, não é o homem LIVRE no significado lato do adjectivo. Mas nunca vibra passivamente harmonico com as *solicitações ambientes e puramente organicas*. Estas não o reduzem a MERO IMPULSO, a TITERE. Ha nelle ALGUMA COUSA de INTIMO — *que não é herança nem propriedades corporaes* —, capaz de reagir. Essa *alguma coisa*, aos poucos, se immuniza contra as *solicitações mais sordidas*. Depois por uma elaboração maravilhosa, até das não muito nobres é-lhe dado arrancar motivos superiores: — amor á justiça, á pureza ao bem, em synthese —, assim como, de meia duzia de substancias grosseiras, a materia viva consegue arrancar as energias que, de mil maneiras, oppõe ás influencias hostis.

E' esse crescente PREDOMINIO sobre taes *solicitações* que chamo *libertação moral*.

Estimula-o, desde logo, a Dôr; — a Dôr e a Esperança, mais tarde: — a Esperança e o Amor, e o Conhecimento talvez, alfim. Attinge amplitudes inescrutaveis. (2)

...Mas quão longe se encontra do entrevisto termo a maioria humana!... Pode siquer descortinar as consequencias *não muito proximas* de um ACTO, máu grado a PREVIA representação mental que tenha d'esse ACTO?!...

Ante as *solicitações inferiores*, ainda muito affins, é como o peixe ante a temperatura do rio: mal resiste... *Responsabilidade attenuada*.

Afilhados: — porque condemnar, porque verberar, porque aviltar?!

Commente-se o *erro*, verbere se o *erro*, si d'ahi advem lição proveitosa. mas, quanto ao delinquente. que o coração se condôa, os labios ensinem e a mão o ampare. Condolencia muda,

(1) Este corriqueiro factio de biologia destina-se, não a *fundamentar*, attenda-se, mas só a elucidar as linhas seguintes. Quaesquer referencias a questão de *livre arbitrio* e *determinismo* não poderiam ser fundamentadas e nem siquer sufficientemente explanadas (era até excusado dizello) dentro das raias impostas a um trabalho da natureza do presente. Muitas das outras proposições aqui arriscadas se encontram aliás em analogas condições.

(2) As proprias funções vegetativas curvam-se-lhe: as praticas psychotherapicas são-lhe um appello, nada mais. Estas falham e falharão sempre que se dirijam a uma *psyché* cujo estado de evolução não a habilita ainda a uma sufficiente suzerania sobre a materia.

amparo sem ostentação para que não humilhem: ENSINO SEM DOGMATISMO para que nem de leve atrophie a intelligencia, dom divino, que florescia, é *progresso*, — fructificando, *libertação*.

Porque pedir perdão?! Porque consentir que nol'o supplique alguém?! Resgatar a falta si possível, prometter melhorar-se e fazer por desobrigar-se, é que é de homem.

Porque pedir ou inteiramente conceder aquillo que o *esforço* pode alcançar?! O esforço é tonico da vontade, e esta, vigoroso ascensor da libertação. Trene se o esforço, vitalize-se a vontade. Se o esforço é impotente ante o peso da tarefa, então sim, nem se regateie, nem se rejeite o auxilio imprescindivel: conjura-se o desanimo, fomenta-se a solidariedade, cultiva-se a modestia, praticando assim.

PROGREDIR!  
LIBERTAR SE!

« Ha nos livros muita asneira,  
No campo, muita razão,  
Cahiu de uma lrangeira  
A lei da gravitação. »

G. JUNQUEIRO

« Ha muito que fazer, muito que destruir,  
Trabalhae, trabalhae nas forjas do porvir,  
Mineiros do futuro, artistas da verdade. »

G. JUNQUEIRO

## Dogmatismo!

O homem precisa, desde logo, compenetrar se de que o saber humano, traduzido pelos crescentes confortos e encantos oferecidos á vida, não é obra exclusiva d'aquelles que escreveram ou escrevem, brilharam ou brilham na sciencia, philosophia, literatura, bellas-artes, nas manifestações superiores, em summa, do espirito, e que o Pantheon glorifica, mas igualmente de obscuros artifices, anonymos tuctadores, de cuja perspicacia e injunctiva a humanidade colhe os sazonados fructos sem os nomes perquirir-lhes. E' como nave cujo velame altaneiro se enfuna por um Sopro em que se incorporam mesmo tenues soprinhos. Em 2.º lugar, convencer-se de que é crime de lesa civilização usufruir parasitariamente o patrimonio herdado, sem buscar transmitir-l'o avolumado, enriquecido, saneado ás posteras gerações.

D'ahi, beneficos estímulos: o desejo de pagar e fazer pagar o devido tributo ao saber collectivo; o desejo de apparelhar-se e apparelhar os demais para tal pagamento.

Ora, é precisamente condições necessarias a tal apparelhamento o que viso rememorar, patinhando embora em réles vulgaridade.

Começarei lembrando que a intelligencia é qual o corpo: *sem digerir, assimilar alimentos variegados e sempre renovados, depauperar-se; inactivo, anquilosa-se; SEM O DESQUITE OPPORTUNO DE MULTIPLOS RESIDUOS, intoxica-se.*

D'aqui, regras de hygiene intellectual nunca menosprezaveis:

1.º — NADA DE EXAGERADAS ESPECIALISAÇÕES.

Não fique o ventre monstruoso sobre tropegas perninhas.

2.º — NADA DE PASSIVA RECEPTIVIDADE MENTAL.

A intelligencia passiva não vale um disco de grammophone: este conserva ao menos, fiel e duradoiramente, as impressões registadas; aquella — concha calcinada — sem demora se despoja da baça luminescencia que a insoção lhe emprestára. A' quietetude do lago prefram-se as tempestades do mar. Estagnar? — putrefazer!

E, por isso mesmo,

3.º — NADA DE ESTAGNAÇÃO, NADA DE CRYSTALLISAR-SE NO ADQUIRIDO, NO QUE SE CONSEGUIU ASSIMILAR E RETER.

Uma vez crystallisada, sem fluidez, *como ha de a intelligencia adaptar-se aos novos moldes que a evolução architecta? Como compenetrar-se do character provisório que deve ter para o homem o que elle chama verdade? Como renunciar concepções arraigadas ante novos documentos que a sua invalidéz patenteiem? Como ha-de ella expandir-se? — Grande é a potencia do gelo, porém maior a da agua e muito maior ainda a do expansivo vapor. — Até nos tão injustamente aquilutados trabalhos manuaes, urge não se mecanize o homem, não se automatize, sentindo sempre a possibilidade de furtar-se ás pautas consagradas. Mastigue-se; não é só deglutir o mastigado por outrem.*

— PERICLITA ASSIM O PRESTIGIO DO MESTRE, O PRESTIGIO DA AUTORIDADE? *Restringe-se aos legitimos limites: DESTRAVA-SE O PROGRESSO.* Esse prestigio é fecundo

e salutar; quando incondicional, porém, degenera em despotismo, enerva, asphyxia, estrangula a iniciativa, aleita a intolerancia, o horizonte mental constringe. *E crime, é o cerceio á intelligencia de outrem! Crime, a resignação ás peias que sobre a nossa dardejem!* Sophistica defesa a de prevenir-se assim possível desvario! A grillheta nunca impediu, ao contrario provoca a explosão da demencia; a grillheta jamais fez nobres, gera escravos ou revoltados, uns e outros deformados. Inundações desastrosas derivam, frequentes vezes, das barragens sem criterio erguidas a pacificos riachos: a gravidade os attráe, ao oceano devem ir, cedo ou tarde encachoeiram-se para o dique surmontar. A intelligencia é assim: a liberdade a attráí.

— E ONDE O MESTRE INFALLIVEL? Nunca, de modo algum, poderemos perscrutar a composição chimica dos astros, sentenciou Augusto Comte, e sem demora lá veiu desmentido formal ao extraordinario philosopho. «Não ha pedras no céu: não podem cair na terra», sentenciou Lavoisier, e os aerólithos persistem em visitar nosso orbe. Quem não se lembra acaso das invectivas... magistraes á viação ferrea lançadas? Engenheiros *demonstraram* que a locomotiva não marcharia: as rodas girariam sempre no mesmo ponto; Proudhon achou «banal e ridiculo attribuir-lhe influencia na circulação das idéas»; Arago, cifras em punho, salientou que as rendas da França soffreriam deficit colossal si as redes se generalisassem; Thiers (este foi generoso) concedeu-lhe *algumas vantagens*, mas para o transporte só de viajantes e em linhas curtas, entre grandes cidades; o Collegio Real de Medicina, da Baviera, sentenciou que tal innovação seria, a realisar-se, damnosissima á saude publica, occasionaria congestões cerebraes, não sei que desequilibrios nervosos tanto aos viajantes como ao expectador. Em todo caso, uma cautella se impunha: aos lados dos trilhos, deviam-se erguer paredes de taboa á altura dos carros... (\*)

Não riamos, Srs. Ao esforço titanico d'esses e outros mestres falliveis deve a civilização os seus mais bellos triumphos. De tal quilate é sua grandeza, que as proprias descaídas são magestoso phanal. *Não riamos: aprendamos quão temerario é querer circumscrever as POSSIBILIDADES da natureza e da intelligencia humana; quão temerario é prejudgar do valor, conveniencias ou inconveniencias d'aquillo que escapa ao classicismo dos nossos conhecimentos ou com estes collide.*

(\*) Factos citados entre outros por Flammarion, *Problèmes Psychiques*.

— Sobretudo o mestre mudo, a hypnotisante letra impressa, requer da nossa parte o maximo de senso critico.

*Mesmo os melhores livros*, os dos mestres mais insignes, á parte até os erros inevitaveis, *podem tornar-se nefastos á intelligencia* ainda que robusta e capaz de assimilar-os: *basta que ella nelles inteiramente se confine*. Estereis bibliomanias dão erudição, mas a simples erudição será brilho, nunca força, e antes ser ferro que ouro. A intelligencia não vale pelo muito que acerva e sim pela aptidão de criar, de produzir, de desbravar novas sendas ou palmilhar-as ao menos. Fossem meos *livrescos* os professores de Pisa e não houveram talvez repellido a Galileu, inutilmente exhortando-os: «Ah! não negueis *á priori*: olhai neste telescopio!» Aos bons livros — e sobejam para honra da humanidade — dispute-se o convivio, consulte-se como a amigos sinceros e experientes, mas sem permitir-lhes ordenem com prepotencia de amos, assignalando-lhes sempre o *verdadeiro papel*, que não é, não pode ser, o *de substituto das cousas*, mas o *de lente preciosa entre a retina mental e os factos*, tendo sempre presente que a lente sóe causar aberrações que cumpre rectificar. A bibliotheca é luar; a natureza, sol: mais illumina o sol. Seja o livro uma escada do cimo da qual mais amplo e descortino se torne do verdadeiro mestre — A NATUREZA SAN. Ao espirito assim predisposto, *até cousas ou factos na apparencia já de todo explorados, podem ministrar interpretações mais exactas, mais ferteis applicações*. E quantas não têm ministrado! De alluviões em abandono por successivos garimpeiros, não tira a bateia, ás vezes, gemmas de raro preço?

E que falar, meus Srs., dos alluviões ainda virgens ou ligeiramente aflorados?! Tome o homem da bateia — *intelligencia emancipada*, blinde-se do senso critico aconselhado ante o mestre, aconselhado ante o livro, e certo tirará d'elles thesouros inestimaveis. A questão é saber vel-os debaixo da tosea ganga, visão esta obliterada, com pasmosa frequencia, pela vesguice — PRECONCEITO.

Essa *vesguice*, não raro, attribue a muita cousa um *ridiculo* que afinal só nella propria se encontra. á maneira do bohemio impertigado a bradar: «Eh! compadre! estás tão bebado que nem te posso enxergar!» Diga-o a *dansa das vans...* Leva nos outras vezes a fulminar *á priori* de *impossivel, de absurdo*, a muita cousa veraz, só porque não se coaduna com o ramerrão diuturno, fazendo-nos esquecer de que o *insolito* em nada apouca o valor de um phenomeno qualquer e muito menos autoriza uma conclusão negativa. Que mais insolito e bizarro que certos effeitos do raio?! Aqui arranca os sapatos, funde-lhe os pregos todos, sem molestar a pessoa; alli, carboniza a mão, as

luvas deixando intactas; além, caprichosamente, estereotypa no corpo que fulminou ou poupou, imagens de objectos inanimados ou vivos. (1)

Mas não se agrave, nestas tiras, o enfadonho da essencia com o enfadonho da extensão: resumamos.

E' obvio que a electricidade existiu sempre; entanto, só mui tarde d'ella tivemos consciencia. De igual sorte, muitas outras forças que existiram sempre e sempre sobre nós actuaram, só agora começam a despertar a devida attenção ou a ser vislumbradas: ... a radioactividade da materia, por ex.: Por outro lado, sob a alavanca de mais recentes conhecimentos, vai-se esboroando muito *saber* que presumiamos de pedra e cal: *v. e g.*, a indestructibilidade do atomo. Tudo isso indica que é preciso substituir o DOGMA, o PONTO FINAL phyrronica e arbitrariamente a tanta coisa imposto, por judiciosas INTERROGAÇÕES. O ruir de noções reputadas definitivas só ao fraco fará inspirar scepticismo e consequente desanimo; só ao fraco fará dizer: cerca-te o INCOGNOSCIVEL! *não te cances, pára!* O forte vê'ahi e nas novas manifestações naturaes que vai conseguindo lobrigar, a prova irrefragavel de que *a perceptibilidade, as humanas faculdades acquisitivas*, como tudo, *evoluem, alargam-se*, e sereno clama: *não ha Incognoscivel! Ha o DESCONHECIDO!* Avante! Excelsior!

### DESCONHECIDO! MAR SEM BORDAS!

Como forrar-se aos escolhos, aos sorvedouros tremendos, o esquite pequenino da humana intelligencia?!

Duas bussolas se apresentam: escolhe tu, timoneiro.

Uma ahi tens: a ESCOLASTICA. Base? — Certos principios affirmados *a priori* e nos quaes, depois, os factos hão de doceis enquadrar-se, sob pena... de repudio. Dizem que é excellente...

Outra? Criou-a Bacon e Comte vigorou-a. *Observação e experiencia*, eis em que se baseia... (2)

(1) Em 1857, á Academia de Pariz foi apresentada uma camponia em cujo peito se estampára a imagem de uma vaquinha, a poucos passos, fulminada por uma faisca. Casos semelhantes, ás dezenas, registam os annaes scientificos.

(2) Do positivismo perfilhamos o methodo.

— Afilhados: — Procurando não desmerecer dos seus preclaros mestres, não se deaviar da directriz positiva que enaltece e fecunda o nosso ensino publico, — quantos nesta casa mourejam nada pouparam para fazer de cada um de vós uma intelligencia livre, para intensificar e estender a vossa iniciativa mental, como melhor o reconhecereis á medida que, com os annos, se vos amplie a experiencia dos homens e das cousas.

Dai-lhes vós, carissimos afilhados, a compensação por que aneiam: — *excedei-os; corrigi-os, erros lhes descobrindo; sede intelligencias mais libertas e mais libertadoras.*

Dai o exemplo da honestidade, da altivez sem jactancia, sem atrevimento. DEVER é respeitar o direito de outrem e respeitar e fazer respeitar o proprio. E' simulacro de homem quem, alheio á collectividade, cifra as aspirações em constituir animalmente uma familia, criar mais ou menos gorda, amea-lhar (sabe Deus por que preço, ás vezes!) meia duzia de titulos que a indolencia lhe aleitem. «Acima do estomago, o coração e o cerebro».

E a vós, carissimas afilhadas, cabe em especial uma missão: — *ensinai que é do selvagem o enfeitarse sem se vestir.* Venham as tinturinhas musicas, as aquarellinhas, os *bien, merci, et vous?* e quejandas *bijouteries* tão ao sabor da mulher brasileira, *mas* ao lado da cultura que a habilite a soletrar mais que puéris *romanticos* e a confiar mais num antiseptico do que num amuleto. E' preciso que ella comprehenda que não se encontram nos cinemas, nem nos taes romantecos, os melhores modelos... *Mães esclarecidas, cidadãos esclarecidos».*

O professor, por dever de officio, ascolta a alma da juventude e, quanta vez, não estremece ante as pieguices, os theatres pessimismos e misantropias — por ficticios não menos dissolventes — que neila vai instillando uma *literatice* avelhantada, fossil, entre nós em moda ainda?

Sede, em summa, lidadores do bem e do progresso, carissimos afilhados, sem que exagerada modestia os passos vos entibie. Nenhum esforço é desprezivel: — bem mesquinhos pastores cimentaram o pedestal em que a astronomia se alteia: — minusculos polypos arrancam do abysmo liquido esses *atolls* verdejantes que a homens dão doce abrigo; — não fôra o licken rasteiro a trabalhar o granito da granitica montanha, onde essa verde grinalda, essa orgia de força, essa floresta potente que o sangue nos hematosa, a nossa vista extasia e aos ninhos dá sombra e vida, a expandir-se luxuriosa em cores, perfumes, petalal?!

... Sr. Representante do Governo. Illustrado auditorio. Incarnais aqui o Estado de São Paulo. Mais: o portentoso Brasil.

Recebei, pois, o compromisso d'este punhado de moços cuja alma canta de esperança, cujo olhar fulgura de enthusiasmo sadio, cujo peito transborda de sentimentos altruisticos, cuja mente estúa de lidimos ideaes. Este punhado de moços promette ser digno de educar os filhos de S. Paulo, os filhos do BRASIL!

\*  
\* \*

PROGRIDIR!  
LIBERTAR-SE!

Brasil! Terra de Chanaan!...

« Elles disseram que ella era formosa como os seus trajes magni- »  
« ficos, vestida de sol, coberta com o manto de voluptuoso e infi- »  
« nito azul... sobre o seu collo aguas dos rios fazem voltas e cu- »  
« tras enlaçam-lhe a cintura desejada... em bojo phantastico »  
« guarda a riqueza innumeravel, o ouro puro e a pedra illumi- »  
« nada... e os homens encontram nella, tão meiga e consolado- »  
« ra, o esquecimento instantaneo da agonia eterna... Oh! po- »  
« derosa! Oh! esperança nossa!... »  
« Elles disseram estes e outros louvores e caminharam dentro »  
« da luz... (1) »

E realmente, Snrs., afóra recantos em que um sol causticante, a carencia de mananciaes fartos, certas condições mine-ralogicas e geographicas, pouco propicio o torna á floração hu-mana, — é este Brasil sem rival. Os primores que o engalanam sobrepujam a imaginação mais exaltada. Poupam n'os cata-clysmos geologicos. Cyclones devastadores, desconhece-os. A neve nunca lhe fana o ouro das espigas, a esmeralda dos cam-pos. No conjuncto, em summa, é soberbo, opulento, de ma-gestade innarravel, verdadeira Chanaan.

Mas, porque não confessal-o? — com a pompa do scenario tem contrastado o merito do actor. Timbra este em desageita-damente interpretar, quando de todo não o renega, o papel na-tural no concerto do mundo. Unanimes, as condições mesolo-gicas o impellem para a agricultura. A terra voluptuosa, mei-ga se lhe offerece... Inutil! ao amoroso pistillo elle, o povo

(1) Graça Aranha — Chanaan.

brasileiro, de bom grado, jamais concedeu-lhe o suor fecundan-te. Tece-lhe madrigaes de doentio platonismo e pressuroso o entrega aos filhos de longes plagas. Que o africano boçal o pollúa, que o laborioso europeu as caricias lhe disfrute, ou então jaza p'ra ahí em langue esterilidade! Elle, o requestado, elle o Prodigio no sonho, o Estremunho na acção, — contenta-se, com as aparas! Arremedo de Esaú, sacrifica a progenitura por qualquer prato de lentilhas..

Ah! Snrs. Apunhala servir aqui de echo ás lategantes cri-ticas com que de toda a parte as faces nos esbofeteiam. Ellas são salutareis: fazem corar, e o rubor é sangue e o sangue é vida. Mas apunha!a... A analyse conturba, cale-se a Analyse! Nem palavra sobre esses mil e um desatinos, fonte da situação irrespiravel que nos creamos e attinge, neste agro momento, ao estortegante paroxysmo. A Esperança gorgeia, escute-se a Esperança!

— Povo brasileiro! nos escombros desses castellos feitos de sonhos doces, vertiginosos arroubos, morbidas ternuras, desfrenadas megalomanias, hoje desmoronados, soterrar-se-ão apenas os desvarios, a incuria, de tua juventude inexperiente! O pul-so forte da Dôr, pulso santo, pulso criador, tornou-te homem! Erecto, firme, calmo, varonil, emprehendedor, num refloresci-mento das energias masculas de teus maiores até aqui jugula-das, mas vibrantes sempre, — reerguer-te-ás, lutarás, reagirás, vencerás, ó herdeiro de heróes que quasi irremediavelmente deturparam! Transfiguração! Alleluia!

— Esperança bemdicta!...

... Afilhados: — Não podereis desobrigar-vos da promessa aqui feita, não sereis dignos de educar a mocidade brasileira, fóra do pendão que dos pulpitos e das tribunas, das columnas da imprensa, de todos os cantos emfim, hoje se desfralda con-tra o *aboenteismo* e a nossa rotina agricola. O fracasso d'essa cruzada importa em votar a nossa nacionalidade a nunca attingir uma florescencia superior; em tornal-a, Adão de nova casta, indigna d'este paraizo, que é a nossa terra. Mereça-vos carinho o sempre momentoso problema rural. Combatei a rotina, ensi-nai que os processos technicos multiplicam de cem a producti-vidade natural do solo, (1) amenizam e barateiam o trabalho, emancipam-nos até certo ponto das vicissitudes das estações,— que o lavrador, em summa, pode e deve deixar de ser «o ani-

(1) M. Ponce, com o auxilio de 8 homens, nos arredores de Pariz, num terreno de onze decimos de hectare, colhe no anno 125.000 Kg. de legumes, fructas e hortaliças.

*mal silvestre*» de La Bruyère. Como o persa primitivo, senti e pregai: «*A terra tem direito á semente: fecundada, ella abençoa; desprezada, ella maldiz!*» Como o persa primitivo, plantai, ensinai a plantar e dizei á arvore recém-plantada: «*Sê, durante cem annos, a gloria de Ormuzd e o abrigo de homens desconhecidos!*», voto sublime, alliança sublime, entre o homem e a HUMANIDADE, o presente ainda tão duro e o fulgurante PORVIR!

PROGREDIR!  
LIBERTAR-SE!

*E a larva, perdida as mandibulas vorazes, recolhe-se ao casulo, onde soffre a metamorphose em irisada borboleta.*

### Porvir! Humanidade!

E' evidente o progresso scientifico e consequente progresso material. Dia a dia, novos agentes phisicos rendem vassalagem ao indomito engenho humano. Mas, sob a luva de tantas maravilhas, que de crispações diabolicas! Interiormente trabalhada pelo fermento de asquerosos appetites, prenhe de odios e cupidez, minada de subornos, despotismos e revoltas surdas, a humanidade vacilla e treme, impreca e roja-se, sem redeas no prazer, sem fidalguia na opulencia, sem serenidade na amargura. Não raro, fauces hiantes, desperta-se a panthera que nella ainda dormita, e eis:

«*Em terra — a chacina, o saque e o incendio! No mar — o cossariado e a insegurança! No ar — as naus aladas que se fazem abutres! A lei postergada, a sciencia e a arte foragidas, o trabalho em syncope de horror! E o patrimonio da civilisação, que não é d'este nem d'aquelle povo, perecendo em ruinas, como si a guerra fosse levada de arranque pela historia dentro!*» (1)

Será, Snrs., o progresso moral uma ficção, um mytho, uma utopia escarninha?!

Desrazoavel acreditado. Os horrores que hoje revoltam a consciencia universal, em tempos não mui remotos, constituíam outros tantos padrões de gloria. (2) A guerra não era só entre

(1) Coelho Netto.

(2) Hoje, cada governo embora fazendo a guerra, busca eximir-se da responsabilidade, que irroga ao adversario. A guerra já *envergonha*. Bom prognostico.

povos, mas quotidiana, de castello a castello, de vizinho a vizinho. O proletario é ainda repugnantemente espoliado, mas onde o escravo-cousa, o servo ferrado á gleba? A liberdade da consciencia, do pensamento, outr'ora do patibulo amordaçada, ao menos nas leis escriptas, se não de facto, é reconhecida um direito. As absurdas prerogativas do NASCIMENTO, cada vez mais se restringem. E essas e outras conquistas liberaes, no fundo, que são sinão progresso moral?! — Não, Snrs., a civilisação e, portanto, a moral, não tem esse acabrunhante movimento de pendulo que já *alguem lhe attribuiu*. Os seus eclipses são como mortes a preparar melhor renascimento. Bonaparte, feriu, espostejou, assolou, mas a acerada espada foi insciente cavando, por ahí além, novos sulcos para a semente divina da «*Igualdade, Liberdade, Fraternalidade*», que o sol do futuro fará fructificar. Essa catastrophe sem exemplos que pavidos contemplamos, por sua vez encerra grandes ensinamentos: longe de sustentaculo, a armadura é o esbarrondamento da verdadeira grandeza. Ella passará. Outras se desencadearão, mas para varrer de vez os cesarismos e seu xiphopago — o militarismo (1), os blindados mastodontes, os cyclopicos reductos, a caserna bestialisante, os tentaculos, em summa, da execranda VIOLENCIA, creações do TRANSITORIO ao anniquilamento fadadas. As conquistas do trabalho pacifico, as virtudes christans, unico arnez efficaz do homem e dos povos, essas — phenix immorredoura — renascerão das proprias cinzas ou antes sobre-nadarão. A guerra, por isso mesmo que se não pode mais confinar em recantos do planeta, taes as crescentes relações de interesses, relações de familia, cruzamentos de povos; por isso mesmo que se alastra, propaga-se, convulsiona o mundo inteiro, levando a miseria, a orphandade, a viuvez, o crepe, o luto, até onde a metralha não chega; pela propria generalisação de seus satanicos effeitos, ha de tornar-se impossivel: solidaria na desgraça, ha de ser a humanidade solidaria na reacção! Um dia os pobres filhos do povo, consciencia emancipada, se recusarão, varonis, a transformar a carne de outros filhos do povo, a propria carne, em lama sanguinolenta, ao gesto de lobos que se fazem de pastores, o que só parcialmente têm até aqui tentado.

Mas que a carne morda o pó! a alma inatingivel, aqui, além, continuará o seu peregrinar sem treguas em demanda do Bem, da Perfeição!

(1) Assim se vão manifestando publicistas e estadistas de responsabilidade. Não vejo porque não acreditar nos seus vaticinios.

Srs. E' numa espirar *inclinada* de maneira a atravessar, successivamente, meios superpostos de trevas densas, penumbras progressivamente rarefeitas, diaphanos espaços, até emergir em plena claridade, que a trajetoria da civilisação se poderia eschegar. Esta já voluteou nas espiras inferiores — fórmas subalternas, meandros de baixa animalidade, barbarie primitiva; volutêa em espiras circumdadas de penumbras, mas a inclinação do eixo faz que cada declínio seja em menos cerrada penumbra e cada ascenção em espaços mais diaphanos ainda. Surgirá emfim em plena claridade, as tendencias ancestraes violentas e carniceiras, numa methamorphose augusta, feitas fremitos de piedade, dedicação, amor inexprimivel!

Grecia olympica, India contemplativa, Egypto austero e grave, Roma dos Ulpianos, Portugal homerico, masculino 89, Europa de hontem, soberba e refulgente, foram *ascenções*: Roma sanguisedenta, monstruoso feudalismo, fanatica Edade Media, rubro 93, Europa actual, essa agonia immensa, esse estorregar sem nome de uma sociedade vetusta para mais nobre renascimento, — DECLINIOS.

Possas agora, ó civilisação, em teu novo ascender, chama-te Terra Americana! Sejam os dois gigantescos paizes, um do norte, outro do Sul, o Ararat offerecido á Arca Santa em que se refugiarão do diluvio o genio anglo-saxonico e tu, ó genio latino! já então purificados! E que no teu regaço feraz, ó terra americana, esses dois genios se confundam, se completem num amplexo fecundo, para irradiar-se irresistiveis, até que, rotas as trincheiras reparadoras da grande familia humana, só um nome — *Humanidade* — assente á civilisação!

E esse longinquo, muito longinquo amanhan, ha de raiar, Srs.! O homem é ainda egoista e mesquinho no amor, mas já não é o troglodyta só capaz de um apego á companheira e aos filhos *apenas emquanto pequeninos*, á similhança do bruto. Os Vicentes de Paula serão a regra (1)

E então, um distribuir equitativo do trabalho humano e das messes d'esse trabalho, uma sciencia sem atheismo, uma arte sem sensualidade, uma industria sem monopolios, um estado social sem tantos e tão odiosos resaltos, darão á familia humana essa felicidade por que tem anciado, sentindo que é realisavel. Os proprios irracionaes serão redimidos: Machina! redemptora!

(1) «O Amor começa com o pai, a mãe. Da familia á tribu, ao povo, estende-se, tornando-se o santo amor do mundo. O homem desde então, por isso mesmo que é homem, não é mais para outro homem um estrangeiro».

CLEANTHO, o stoico.

Eterno só o BEM, o MAL é transitorio! BEM e MAL não são esses perpetuos antagonistas que ás vezes se nos afiguram. O primeiro é como a chuva; este como as impurezas atmosphericas, a tiznarem-n-a: *nenhuma lucta propriamente*. E desde as eras primeiras da evolução do planeta, não se vem purificando a chuva fertilisante?

PROGREDIR, LIBERTAR-SE, é consequencia de uma Lei indefectivel como todas as leis divinas. Homem, povos, humanidade, tudo olhará para a frente: *progredirá!* olhará para o céo: *libertar-se-á* do mal, dos balofos orgulhos, das grosserias phisicas, para só obedecer aos dictames divinos que tu, ó Christo, ó Inefavel, ó Sublimidade! sellaste com o sangue precioso e santo!

Creio no Progresso!

Creio no advento da Paz!

Creio na victoria do Direito e da Justiça!

Creio no Bem!

Creio em Deus!

.....  
Afilhados: obrigado, sêde felizes, Deus vos illumine!

## PEDAGOGIA PRÁTICA

### Ambidextria

MEMORIA APRESENTADA AO EXMO. SR. DR. DIRECTOR GERAL DA  
INSTRUÇÃO PUBLICA PELOS SRS. INSPECTORES ESCOLARES  
INCUMBIDOS DESSE TRABALHO

Exmo. Snr. Dr. Director Geral da Instrução Publica.

Cumprindo vossas ordens, temos a honra de apresentar o  
nosso relatorio sobre a educação do ambidextro em as nossas  
escolas publicas.

\* \* \*

O excessivo desenvolvimento unilateral do homem é o resultado de uma pratica de muitos seculos, admissivel em sua origem, e que hoje persiste por força das convenções sociaes. Emquanto os trabalhos manuaes e a cultura dos campos foram confiados aos famulos e servos, os moços nobres foram educados para a guerra; e, como era perigoso offerecer o lado do coração aos golpes adversos, era o braço direito que se ennobrecia nos grandes feitos. Assim, desde o inicio da civilização até o advento do espirito industrial a educação physica foi sempre unilateral, visando o adextramento dos moços no manejo das armas. O excessivo desenvolvimento do braço direito, effeito de uma educação continuada por seculos, era indício de boa linhagem, do mesmo modo que a ambidexteridade denunciava a condição servil. Obediente a um preconceito, a familia formava o dextro, e esse uso se generalizou, mesmo depois de esquecido o seu primeiro motivo.

A educação preponderantemente unilateral, admissivel, pois, em sua origem, é hoje viciosa. Não exercitando sinão o braço direito, não está o homem preparado para certos trabalhos que exigem, quer a alternancia dos esforços, quer uma complicada coordenação de movimentos. Por outro lado, o exercicio exclusivo do braço direito desmancha a symetria anatomica e produz varios desvios funcçionaes, ás vezes graves.

Do vicio de tal systema, sob o ponto de vista da educação physica geral, estão hoje todos convencidos. Não ha, nem seria aceito, um systema de gymnastica unilateral. Todos os movimentos são executados dos dois lados simultaneamente, e, aquelles que requerem um esforço unilateral são alternados.

Mas, si os systemas tendem á cultura bilateral, a sua applicação é illusoria nas escolas, visto que as crianças, dextras em sua maioria por uma viciosa educação familiar, procuram nos jogos durante o recreio, e nos trabalhos de classe, servir-se mais da mão direita, donde os frequentes desvios observados.

Para o desenvolvimento physico geral a educação unilateral é altamente prejudicial, porque occasiona uma assymetria do systema muscular e da innervação correspondente, além de deformar o systema osseo, conforme se observa nas crianças das cidades. Servindo-se mais do braço direito a criança desenvolve irregularmente a caixa thoraxica, que desse lado apresenta um volume anormal. A circulação é mais abundante do lado direito, e dahi resultam outras anomalias que seria longo enumerar.

Nos trabalhos de escripta, especialmente, observa-se que, mesmo quando se pratica a escripta vertical, é o braço direito o que mais se apoia, o que explica os casos frequentes de elevação da clavícula direita em relação á esquerda. Se a escripta é inclinada a columna vertebral se inclina sobre as bases ischiaticas e toma, superiormente, uma inflexão lateral (escholiose). Mas, não se limita a esses effeitos a pratica da calligraphia com a mão direita. — Se o alumno escreve inclinado, estando os olhos a distancias differentes do bico da penna, differentemente se accommodam para a visão distincta. Essa differença de accommodação é uma das causas das numerosas anomalias visuaes, que, segundo as estatisticas, se devem principalmente á escola.

A escripta, se não exige grandes esforços musculares, não deixa porisso de ser penosa, dada a somma de movimentos caprichosos que se executam em todas as direcções e com varias intensidades, donde a necessidade de uma complicadissima coordenação de movimentos que se não effectua sem grande dispendio de energia nos centros motores. Ora, se o alumno só escreve com a mão direita, empregando portanto os centros motores do hemispherio esquerdo, ha, certamente, uma assymetria caracteristica nas funcções nervosas correspondentes; e, se se applicar a um prolongado trabalho, cançar-se-á depressa, sem escapar ás consequencias de uma disparidade nas correntes nervosas e sanguineas.

Erígimos em lei do trabalho o facto observado de que, toda a vez que se exige um prolongado esforço unilateral, a

fadiga impelle naturalmente á alternancia, obtendo-se assim o resultado maximo. Si um homem carrega um peso por um certo tempo, passa-o, ora da mão direita para a esquerda, ora da esquerda para a direita, conforme a fadiga que experimenta, e conclúe assim um trabalho com o minimo de fadiga em cada braço. Supponhamos que um ambidextro seja obrigado a mover um moinho durante meia hora, empregando só o braço direito. — Observámos que no fim de 5 ou 10 minutos o rendimento decresce com a velocidade, por effeito da fadiga, e que esse decrescimo continúa até o fim do tempo marcado. Se então elle quizer effectuar o mesmo trabalho com a mão esquerda, o cansaço organico será tal, que não o poderá fazer embóra o braço esquerdo não tenha trabalhado. O mesmo não se daria si elle alternasse de cada vez que percebesse a fadiga. A cada alternancia, como o outro braço havia descansado, refeitas suas energias, o movimento recomeçaria com novo vigor, e assim, durante o mesmo tempo, produzir-se-ia o maximo trabalho com o minimo de fadiga em cada grupo de musculos.

Esta lei da alternancia não póde ser infringida sem danos, geralmente irreparaveis, especialmente para o desenvolvimento do systema osseo, porque o dextro ou o canhoto assumem durante toda a vida attitudes viciosas, de accôrdo com o seu irregular crescimento.

Uma classe de ambidextros poderá, em confronto com uma classe commum, produzir, no mesmo tempo, maior e melhor trabalho escripto, sem nenhum symptoma decorrente da disparidade no funcionamento dos centros motores (dores de cabeça, vertigens, falta de attenção, etc.). E' que os ambidextros são inclinados á alternancia, determinada naturalmente pela fadiga.

Não tem importancia a objecção de que um ambidextro terá dois typos de letra, desde que se convencione que a assignatura seja feita com a mão direita. Além disso, um dextro ou canhoto de má fé poderá sempre escrever e assignar de varios modos. Mas a verdade é que o cunho graphico definitivo, que só se adquire depois de muito exercicio, é uma característica pessoal independente dos centros motores, e é o mesmo para ambas as mãos. Este factio foi por nós observado nas crianças já bastante exercitadas na calligraphia bilateral.

Do exposto se conclúe que a pratica da ambidexteridade nas escolas não deverá restringir-se aos trabalhos graphicos, antes será exigida para todos os trabalhos manuaes e observada até nos jogos escolares.

Resumindo, podemos dizer que a educação do ambidextro tem sobre a outra as seguintes principaes vantagens:

- 1.º — Assegura um regular desenvolvimento do physico em geral, evitando deformações do systema osseo e afastando uma das causas das irregularidades de circulação.
- 2.º — Garante a harmonia no desenvolvimento dos centros motores e da innervação geral.
- 3.º — Alternando, isto é, dividindo o trabalho, distribue a fadiga, muscular ou nervosa, evitando, nos trabalhos que exigem uma complicada coordenação, (como a escripta), os effeitos decorrentes da disparidade de funcionamento.
- 4.º — Prepara o homem para a producção do trabalho maximo em um dado tempo.
- 5.º — Educando-se os musculos da mão esquerda, tanto como os da direita, prepara-se o alumno para os trabalhos bilateraes simultaneos, pois é sabido que o ambidextro aprende, com mais facilidade que qualquer outro, a escrever a machina, a tocar piano, etc..

O problema que abordámos não está ainda bem estudado, não sendo possivel precisar conclusões relativas á influencia da ambidexteridade sobre a esphera psychica. Mas estamos convencidos de que por seu alcance é digno dos esforços dos mais competentes.

\* \* \*

Para que os resultados compensem os nossos esforços no sentido de se criarem typos mais equilibrados e mais habeis, é preciso vencer, antes de mais nada, a resistencia da familia. Ha pais que retiram seus filhos dos grupos escolares, porque — dizem — não querem que percam tempo com essas novidades pedagogicas, visto haver pouca probabilidade de se perder o braço direito! E não deixam de ter razão, porque não foram insiruidos sobre os verdadeiros intuitos de uma tal réforma.

As noções mais subtis pódem ser ministradas aos alumnos, de um modo mais ou menos objectivo. Por que, pois, não se lhes hão de explicar as vantagens desse systema, antes de o applicar? Em nossa inspecção escolar temos sempre recommendado com insistencia que se esclareçam os alumnos sobre as vantagens da educação bilateral, e, particularmente, que se lhes faça vér que não é pela possibilidade de perder um braço que procuramos ser ambidextros. Certamente não despenderiamos, por tão mesquinho calculo, tantos esforços.

Para que os nossos intuitos não sejam illudidos por influencias diversas, julgamos necessaria a observancia das seguintes regras:

- 1.º — O professor instruirá os alumnos sobre as vantagens da educação bilateral, procurando estimulal-os com o exemplo.
- 2.º — Os alumnos farão todos os annos uma composição sobre a ambidextria, nas primeiras paginas dos cadernos de linguagem. Esta composição servirá para se aquilatar do valor das noções recebidas, e ao mesmo tempo, para a propaganda na familia.
- 3.º — O director e os professores velarão para que a ambidextria seja rigorosamente observada em todos os trabalhos escolares e nos jogos durante o recreio.
- 4.º — Duas ou tres vezes por semana serão feitos nas classes adeantadas exercicios preparatorios de desenho symetrico. Os alumnos executarão figuras decorativas com as duas mãos simultaneamente, de modo que o ramo da esquerda seja symetrico em relação ao da direita. No primeiro anno estes exercicios serão feitos 4 ou 5 vezes por semana, no começo do anno lectivo. Este exercicio estimula os musculos da mão esquerda, menos educada, aproveitando a tendencia que tem esta mão para acompanhar os movimentos da direita.
- 5.º — Devem-se alternar todos os dias, e em cada trabalho.

Não convem em absoluto mandar escrever um dia com a mão direita, outro dia com a esquerda, ou ainda, alternar por semanas, porque, se a mão esquerda não está habituada, trabalhando só, durante um dia ou uma semana, cançar-se-á, sem vantagem para o ensino, e, se já está habituada, deve-se alternar de accordo com a fadiga para realizar o maior trabalho com esforço minimo. Alternando por dias ou por semanas não se procura na ambidextria um dos seus melhores resultados, que é obter o mais proveitoso trabalho com a menor fadiga. Os estudos feitos sobre a fadiga nas escolas demonstram que todo o

trabalho executado com curtos intervallos de descanso é mais proveitoso. Alternando, pois, em cada trabalho, cada mão descança por sua vez.

- 6.º — Deve-se evitar igualmente a alternancia muito amiudada. Um ambidextro cançar-se-ia depressa se fô-se obrigado a mudar de mão após cada palavra escripta, e assim perderia tempo.

As crianças que estão aprendendo a escrever devem alternar por linhas ou por sentenças, e mais tarde, de duas em duas linhas. Nas classes adiantadas, em que o trabalho de escripta é menos penoso, deve-se alternar de meia em meia pagina.

- 7.º — Todo o exercicio deve ser começado com a mão direita.

Esta regra é justificada por dois principios demonstrados experimentalmente nos estudos feitos sobre o exercicio e a fadiga;

a) Todo o trabalho é mais difficil no começo, dando depois um rendimento maximo que decresce conforme a fadiga;

b) Exercitando-se um só grupo de musculos de um lado, adquire-se no grupo correspondente do outro lado um pequeno augmento de energia. Assim, após uma prolongada experiencia feita com o ergographo verifica-se sempre que a mão que se conserva inactiva accusa um pequeno augmento de força. Ha, portanto, uma reacção de um hemispherio sobre outro, nos centros correspondentes aos movimentos observados.

Si todo o trabalho se torna mais facil depois do treno inicial, devemos começar pela direita, cujos movimentos são mais prompts, aproveitando ao mesmo tempo a reacção desse primeiro impulso.

- 8.º — Os professores farão uma selecção de jogos escolares proprios para o recreio, obrigando os alumnos a alternar no meio desse periodo.
- 9.º — Respeitar-se-á a espontaneidade dos movimentos, permittindo que os alumnos já ambidextros alternem á vontade.

São exercicios muito recommendaveis para o desenvolvimento das habilidades manuaes, e para o nosso objectivo, os trabalhos manuaes em geral, e particularmente a tecelagem, a modelagem, a cartonagem, o crochet e o bordado.

Julgamos necessario modificar os horarios officiaes, augmentando-se o periodo do recreio. Dando-se actualmente mais importancia aos jogos escolares do que á gymnastica, como factores do desenvolvimento physico, parece-nos escasso o tempo consagrado á pequena refeição e aos folguedos.

No tocante a jogos, é preciso confessar que temos avançado pouco. Não temos livros de jogos seleccionados e adaptados ao nosso meio.

A instituição dos jogos nos grupos e nas escolas isoladas é uma questão premente, que deve ser logo resolvida, si não quizermos assistir á formação de fracos e rachiticos. Mas não é só a educação physica geral que reclama essa providencia. A cultura da ambidexteridade encontra igualmente, nessa medida, sua condição mais favoravel.

Para a educação do ambidextro reputamos excellentes todos os jogos escolares, desde que se adaptem ao nosso meio e á idade da criança. Todos se prestam, quer á alternancia, quer aos movimentos simultaneos, apresentando mais ou menos difficuldade para a mão esquerda. Como exemplos, citamos apenas os jogos de malha, bolinha, pião, bilboquet, diavolo, peteca, basket-ball, e tennis.

São estas, em resumo, as conclusões a que chegámos sobre o melhor modo de pôr em pratica os exercicios da ambidextria em os nossos estabelecimentos de ensino prelimiares.

Attenciosas saudações.

S. Paulo, 11 de Setembro de 1914.

HELIO PENTEADO DE CASTRO.  
CARLOS GALLET.  
BENEDICTO MARIA TOLOSA.

## LITERATURA INFANTIL

### Mocidade desta terra!

Sempre, em todos os tempos e todas as épocas, a alma vibrante das nações é representada pela mocidade — arteria latente e de circulação febril, constante, rica e poderosa — elemento vivaz e impulsionador do complexo organismo social.

Um sociologista francez disse: «Qui est-ce que la vie? Une pensée de la jeunesse éxecuté par l'âge mûre.»

É bem ponderado esse pensamento da mocidade guiado pelos encanecidos cerebros.

E assim é. A vida principalmente das nações, funda-se na mocidade, cujos peitos inflammados de amor e de entusiasmo pelo bello, pelo sublime e grandioso, impelem-na a empunhar sempre a bandeira da conquista e emprehendimentos em todos os departamentos das funções sociaes, em demanda, sempre constante e intermina do progresso, em qualquer ramo que se o encare como meio de attingir, sinão a verdadeira perfectibilidade, ao menos para della fazer approximarem-se a Sociedade, o Estado, a Patria, a Humanidade.

Porém, desse mesmo febricitante entusiasmo, desse mesmo afan á conquistar, quer em terreno material, quer no social ou scientifico proveriam certamente perturbações constantes, inattingibilidade de fim proveitosas pela multiciplidade dos meios, quicá insensatos por vezes, si não fôra a intervenção benefica da "l'âge mûre".

A mocidade pertence a iniciativa, sendo, entretanto, orientada, amparada e regulada por aquelles que, por cujos amadurecidos cérebros, constitue o conselho, a reflexão, a sensatez. Pois bem; como a maior parte dos acontecimentos historicos e politicos, representa o que hoje commemoramos, uma das mais bellas iniciativas da mocidade, amparada e maravilhosamente guiada e conservada pelos que, encanecidos no estudo e reflexão dos grandes problemas sociaes, conseguiram levar a termo a maior aspiração do povo brasileiro.

A idéa de liberdade em nossa patria é contemporanea de seus primeiros filhos: com elles nasceu, cresceu, desenvolveu-se, augmentou de e expandiu-se sob as frondes protectoras da so-

berba matta virgem brasilica, a ouvirem os liberrimos hymnos entoados pelo murmurio das cascatas, pelo rolar espumejante das colossaes e inegalaveis cachoeiras, pelo ranger das ramificações possantes de gigantescos jequitibás, e inda mais significativo, pelo trillar da multipla passarada, desde o nostalgico sabião ao bulhento e estridulo pintasilgo.

Liberdade, sempre liberdade! Com que compenetração e verdadeiro carinhoso amôr fôra esta irman dilecta acariciada e protegida por seus irmãos!

Todos vós bem sabeis o que significam em nossa historia patria — A revolução de 1817; a Confederação do Equador; Conspiração Mineira; Republica de Piratinim.

Todos vós bem conheceis os vultos de Canéca, Domingos Martins, padre Alencar, Abreu Lima, Gonzaga, Tiradentes e essa pleiade de devotados que dedicaram todo o seu ser pelo bem, engrandecimento e felicidade da Patria.

Entretanto (póbres patriotas missionarios da época) a arma mais poderosa de que poderiam lançar mão, aquella unica capaz de fazer vingar as grandes concepções, não fôra por elles manejada. Aquella com que em meus dias trabalharam — Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa, Patrocínio, Rangel Pestana e tantos outros que se tornaram compenetrados patronos da grande idéa, carecia, então, de desenvolvimento em nossa Patria.

Essa via rutilante do progresso, arteria por onde circula a seiva poderosa do saber, que orienta e educa um povo e, por meio do qual o mundo se torna conhecido de norte a sul, de leste a oeste — faltava então, a comunicação do pensamento a verdadeira communhão de idéa e unidade de acção. Felizmente, para nossa Patria, pela força de virilidade de seus filhos, o progresso marchou como em nenhum paiz, a passos agigantados e firmes, e essa arma poderosa, esse baluarte do progredir humano, invento dos inventos, se tornou accessivel, familiar. E perfeitamente manejada por espiritos superiores, que já innumerous conta o Brasil, tem-se collocado á frente dos grandes movimentos politicos e sociaes, alcançando sempre victoria certa.

O 15 de Novembro de 1889 que hoje commemoramos, é uma das mais brilhantes conquistas alcançadas por esse poderoso elemento social, orientador das massas — imprensa.

Arma da paz, instrumento do saber, via multipla de ensinamentos e de educação, é, em synthese, que significa o baluarte a que me referi.

São Simão, Dezembro de 1914.

BENEDICTO EUCLIDES LANDIN

## A embriaguez

Carlos era um menino bonito, gordo, sadio. Seus pais, que eram abastados, tratavam-n'o com carinho e, infelizmente, devido ao immenso amôr que lhe votavam, não trataram desde cedo, como deviam, de lhe formar o character, de fazel-o trilhar a senda do Bem, incutindo-lhe no espirito bons ensinamentos.

Criança adulada, crescendo entre mimos e cuidados meticulosos, davam-lhe ensanchas e Carlos praticava o mal, não encontrando quem o fizesse ver sua ruindade para o emendar e cimentar seu coração em flôr com a san moral que ennobrece o ser humano.

Carlos só muito tarde entrou para uma escola, onde pouco esteve, distinguindo-se durante o seu rapido curso escolar pelo tamanho, atrazo nos estudos e mau procedimento. Ao demais, maltratava os animaes domesticos, era amante de caçadas, rixoso com os companheiros, batendo nos mais fracos, vexava aos pobres criados de sua casa e, de posse de uma machadinha ou de um facão, punha-se logo a desferir golpes nas arvores da chacara de seu progenitor.

Tinha, além disso, uma forte propensão pelas bebidas alcoolicas e ainda pequenino já bebia ávidamente a cerveja, o vinho, os licores.

A' proporção que foi crescendo, mais e mais se foi accentuando o seu pendor pelas bebidas espirituosas e quando moço entregou-se inteiramente ao tristissimo vicio de embriaguez.

Sua existencia tornou-se desde então horrorosa: sempre bebado, a cair pelas ruas, sujo, roto, machucado, muitas vezes preso, envergonhando a familia, injuriando e até agredindo os desventurados pais, sem nada fazer de util...

Afinal a tuberculose empolgou seu organismo já fragil, de pauperado pela acção devastadora do alcool, desse veneno, des-se flagello que arrasta o homem ou ao carcere ou ao hospicio ou ao cemiterio.

E o desditoso Carlos bem cedo foi povoar uma necropole.

Confrange o coração ver-se um joven entregar-se a tão degradante vicio — fonte de mil males, verdadeiro barathro onde o homem atira tudo: o dinheiro, o amor ao trabalho, os mais caros affectos, a honra, a vergonha, a saúde e até a propria vida! . . .

ERNESTINO LOPES.

## O livro e a penna

(Musica da «Vassourinha»)

### I

- PENNA — Sempre, sempre em movimento,  
Penna de aço não descança,  
Traduzindo o pensamento.
- LIVRO — E o livro dorme de pauça,  
Folhas abertas ao vento,  
Mas ao mundo idéas lança.
- PENNA — Tu és feito de papel,  
Muitas vezes ordinario,  
E até podes ser cruel.
- LIVRO — Sou o melhor secretario,  
Sou um amigo fiel,  
E bem nobre o meu fadario.
- LIVRO — Qu'rida penna, não sejas tão másinha !  
PENNA — Pois precisas que eu cumpra o meu dever ! } bis  
LIVRO — Escreve, escreve, ó cara ventoinha.  
PENNA — Espalha, espalha tudo o que eu escrever. }
- LIVRO — Eu não sei porque te atreves  
A fazer tagarellices ;  
Muitas vezes tu escreves  
Sómente asneiras, tolices ;  
Papel e tinta não deves  
Estragar em parvoices !
- PENNA — Si juizo não tiveres,  
Além de papel e tinta,  
Estragas mais que as mulheres  
Muita cabeça distincta !
- LIVRO — Qu'rida penna, não sejas tão másinha !  
PENNA — Pois precisas que eu cumpra o meu dever ! } bis  
LIVRO — Escreve, escreve, ó cara ventoinha.  
PENNA — Espalha, espalha tudo o que eu escrever. }

### II

- LIVRO — Tu falastes sem razão :  
As idéas que eu semeio  
Vem todas de tua mão.
- PENNA — Nós dois peccamos, eu creio,  
Se a nossa santa missão  
Transtornar o juizo alheio.
- LIVRO — Já de accordo estou contigo,  
Como vês amo a verdade,  
Como vês sou teu amigo.
- PENNA — Muito estimo essa amizade,  
O trabalho meu prosigo,  
Sem temor nem vaidade.
- LIVRO — Qu'rida penna, tu és mui boasinha !  
PENNA — Meu bom amigo, eu cumpro o meu dever ! } bis  
LIVRO — Escreve, escreve, ó cara ventoinha.  
PENNA — Espalha, espalha tudo o que eu escrever. }
- LIVRO — Sendo amigos tão leaes,  
Exercendo encargos nobres,  
São justos ideaes  
Demos aos ricos e pobres,  
E para o mal nunca mais,  
Tu te prestes, tu manobres.
- PENNA — Sempre, sempre em movimento,  
Mostrarei o meu valor,  
Dando á luz o pensamento,  
Bebido sempre no amor.
- LIVRO — Qu'rida penna, tu és mui boasinha !  
PENNA — Meu bom amigo, eu cumpro o meu dever ! } bis  
LIVRO — Escreve, escreve ó cara ventoinha.  
PENNA — Espalha, espalha tudo o que eu escrever. }
- Mocóca — 1914.

JOSÉ BARRETO COELHO

## NOTAS

## "Para bem lêr e bem recitar"

(Methodo orthophonico)

O professor Miguel Milano teve a gentileza de enviar-nos um exemplar de seu trabalho, recentemente publicado, seguindo a orientação de Jean Blaise.

O operoso professor escolheu excellentes trechos em prosa e verso, bellos exemplos illustrativos da orientação que dá em cada capitulo.

O seu livro, estamos certos, virá prestar excellentes serviços aos alumnos de escolas normaes e dos gymnasios.

Sobre a leitura de poesia, é de lastimar-se que o auctor se não servisse das criteriosas observações de A. F. Castilhos.

Os nossos agradecimentos.

## Actos do Poder Legislativo

LEI N. 1428 — DE 3 DE DEZEMBRO DE 1914

*Crêa o municipio de Pirajuby e o districto de paz de «Presidente Alves» na comarca de Baurú*

O Doutor Carlos Augusto Pereira Guimarães, Vice-Presidente do Estado de S. Paulo, em exercicio,

Faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Artigo 1.º Fica creado, na comarca de Baurú, o municipio de Pirajuby, com séde na villa deste nome, desmembrado do municipio de Baurú, e formado pelos districtos de paz de Albuquerque Lins e Pirajuby.

Artigo 2.º As divisas do novo municipio são as seguintes:

Começam á margem esquerda do rio Tieté, na barra do maior correço existente entre os rios Dourados e Patos, affluentes do Tieté, e sóbem por aquelle correço até a sua cabeceira mais alta; dahi seguem pelo espigão divisor Dourados-Patos até encontrar o divisor Feio-Tieté; e, tomando á direita, seguem por este divisor até á cabeceira do correço do Tabocal, affluente do rio Feio, descem pelo Tabocal, até á sua confluencia no rio Feio e por este abaixo até a confluencia do rio Presidente Tibiriçá, affluente da margem esquerda do rio Feio; desse ponto em linha recta perpendicular ao curso geral do rio Feio ao espigão divisor Peixe-Feio; e por este divisor até frontear a barra do correço do Pupo no rio Feio, e desse ponto em recta até á barra do dito correço e por este correço acima até á sua cabeceira mais alta; dahi vão em recta até o kilometro 75 da Estrada de Ferro Noroeste e seguem pelo espigão até encontrar no divisor Dourados-Batalha; seguem por este até frontear a cabeceira do correço do Bicho; desse ponto em recta até a dita cabeceira do correço do Bicho, e por este abaixo até ao rio Batalha; descem o rio Batalha até ao rio Tieté e por este abaixo vão ter ao ponto de partida.

Artigo 3.º Fica creada o districto de paz de Presidente Alves, com séde na povoação do mesmo nome, do municipio de Baurú.

Artigo 4.º As divisas do novo districto são as seguintes: Começam na confluencia do correço do Pupo com o rio Feio e seguem em recta pela divisa de Pirajuby até ao divisor Feio-Peixe; e, tomando á esquerda seguem por este divisor até encontrar na serra dos Agudos no divisor Tieté-Paranápanema, e por este até frontear a cabeceira do Batalhinha ou Prainha; e dahi em recta á cabeceira deste; e descendo por este até frontear o kilometro 60 da Estrada de Ferro Noroeste; deste ponto seguem em recta até ao referido kilometro 60 e dahi, contornando a fazenda Canjica, até ao divisor do Batalha-Dourados e por este divisor, á esquerda, vão até ao kilometro 75 da Estrada de Ferro Noroeste; deste ponto seguem em recta até á cabeceira mais alta da agua do Pupo e por esta abaixo até á sua confluencia no Feio, ponto de partida.

Artigo 5.º Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Artigo 6.º Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado de S. Paulo aos trez de Dezembro de 1914.

CARLOS AUGUSTO PEREIRA GUIMARÃES.  
*Altino Arantes.*

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, aos 7 de Dezembro de 1914. O director geral interino, *Carlos Reis.*

## LEI N. 1430 — DE DEZEMBRO DE 1914

*Crêa e converte escolas preliminares*

O dr. Carlos Augusto Pereira Guimarães, Vice-Presidente do Estado de S. Paulo, em exercício.

Faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte :

Artigo 1.º Ficam creadas as seguintes escolas preliminares :

§ 1.º — Masculinas :

uma no bairro do matadouro, do municipio de Cruzeiro ;  
uma no bairro da fazenda do Bom Retiro, do municipio de Campinas ;

uma no bairro da Estação, do municipio de Franca ;  
uma no bairro da Cidade Nova, do mesmo municipio ;  
uma no bairro do Morro Grande, no municipio de Rio Bonito ;  
uma na séde do municipio de Caçapava ;  
uma no bairro do Morro Grande, do municipio de Rio Claro.

§ 2.º — Femininas :

uma no bairro do Matadouro, do municipio de Cruzeiro ;  
uma no bairro do Botafogo, no municipio de Campinas ;  
uma no bairro da fazenda do Bom Retiro, do mesmo municipio ;

uma no bairro do Cubatão de municipio de Franca ;  
uma na séde do municipio de Caçapava ;  
uma no bairro do Morro Grande, do municipio de Rio Claro.

§ 3.º — Mixtas :

uma no bairro de Santa Rita, do municipio de Lagoinha ;  
uma no bairro do Guanabara, do municipio de Campinas ;  
uma no bairro de Campinas Velhas, do mesmo municipio ;  
uma no bairro do Ribeirão Descoberto, do municipio de São José dos Campos ;

uma no bairro de Santa Maria, no municipio Sorocaba ;  
uma no bairro da villa Guimarães, do mesmo municipio ;  
uma no bairro dos Francos, do municipio de Jambéiro ;  
uma no bairro do Socego (Villa S. Martinho), do municipio de Tatuhy ;

uma no bairro do Tunnel, do municipio de Jacarehy ;  
uma em cada um dos bairros de S. Benedicto, S. Vicente, e Lavapés, do municipio de Rio Claro.

§ 4.º — Nocturnas para adultos :

uma na séde do municipio de Itatinga ;  
uma na séde do municipio de Itaporanga ;

uma na séde do municipio de Santa Cruz do Rio Pardo ;  
uma na séde do municipio de São Roque ;  
uma na séde do municipio de São João da Boa Vista ;  
uma na séde do municipio de São João do Currealinho ;  
uma na séde do municipio de Rio Claro ;  
uma na séde do municipio de Igarapava ;  
uma na séde do municipio de Santo Amaro ;  
uma na séde do municipio de Angatuba ;  
uma na séde do municipio de Itatiba ;  
uma na séde do municipio de Ribeirão Preto ;  
uma na séde do municipio de Itú ;  
uma na séde do municipio de Piracicaba ;  
uma na séde do municipio de Cunha ;

Artigo 2.º Ficam convertidas as seguintes escolas :

§ 1.º — Em masculina :

a mixta, vaga, do bairro de Santa Adelia, do municipio de Taquaritinga.

§ 2.º — Em feminina :

a mixta do bairro do Morro Grande, do municipio de Rio Bonito.

§ 3.º — Em mixtas :

a masculina, vaga, do bairro do Lavapés, do municipio de Botucatu ;

a masculina, vaga, do bairro de Santa Cruz, do municipio de Queluz.

a masculina, vaga, do Salto de Pirapóra, do municipio de Sorocaba ;

a feminina do bairro dos Coqueiros, do municipio do Amparo ;

a feminina do bairro de Santa Cruz, do municipio de São José dos Campos.

Artigo 3.º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, aos 4 de Dezembro de 1914

CARLOS AUGUSTO PEREIRA GUIMARÃES  
*Altino Arantes.*

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior aos 7 de Dezembro de 1914. — O director-geral, *Carlos Reis.*

## LEI N. 1431 — DE 7 DE DEZEMBRO DE 1914

*Crêa o districto de paz de Guará, com sêde na povoação do mesmo nome, no municipio e comarca de Ituverava*

O doutor Carlos Augusto Pereira Guimarães, vice-presidente do Estado em exercicio:

Faço saber que o Congresso Legislativo do Estado decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Artigo 1.º E' creado o districto de paz de Guará, com sêde na povoação do mesmo nome, do municipio e comarca de Ituverava.

Artigo 2.º Serão as seguintes as divisas do districto de paz creado por esta lei: Començando na beira do rio Sapucahy, seguem, por cerca de arame, em divisas com Ceneição Francisco Barbosa e Joaquim Rodrigues Barbosa, até a estrada que vem do Corrego Fundo á passagem do João dos Santos; subindo pelo corrego da passagem até a barra do mesmo com o correquinho de Honorio de Paula Machado; subindo por este, e logo adiante pela estrada do Guará, até o espigão contra, vertente da fazenda «Alagôas»; tomando a esquerda pelo espigão da fazenda «Alagôas», seguem sempre pelo espigão mestre, divisando com as fazendas «Retiro da Matta», «Pouso Alto», «Monjolinho», «Corregos» e «Resaca», até encontrarem as divisas da comarca da Franca; dahi á direita, divisando com o municipio e comarca da Franca, até a cabeceira do corrego Santa Rita; por este abaixo até o rio Sapucahy e, finalmente, pelo rio Sapucahy abaixo, dividindo com a comarca de Orlândia, até o ponto onde tiveram começo.

Artigo 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, aos sete de Dezembro de mil novecentos e quatorze.

CARLOS AUGUSTO PEREIRA GUIMARÃES.

*Altino Arantes.*

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, aos 14 de Dezembro de 1914. — O director-geral interino, *Carlos Reis.*

## LEI N. 1432 — DE 11 DE DEZEMBRO DE 1914

*Crêa e converte escolas preliminares*

O doutor Carlos Augusto Pereira Guimarães, Vice-Presidente do Estado de S. Paulo, em exercicio.

Faço saber que o Congresso Legislativo do Estado decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Artigo 1.º Ficam creadas as seguintes escolas preliminares:

a) Masculinas:

uma no districto de paz de Novo Horizonte, do municipio de Itapolis;

uma no bairro da estação da Cascata, do municipio de S. João da Boa Vista;

uma na sêde do districto de paz de Charqueada, do municipio de Piracicaba;

uma no bairro do Castello, do municipio de Batataes;

uma no bairro da fazenda do Sobrado, do municipio de S. Manoel;

uma no bairro da fazenda Araquá, do mesmo municipio;

uma no bairro da Capellinha, do municipio de Lorena;

uma no nucleo da Monção, do municipio de Avaré;

uma na sêde do districto de paz de Bocayuva, do municipio de Lençóes;

uma no bairro do Cagua-sú, districto da Bella Vista, do municipio da Capital;

uma no districto de paz de Juquiá, do municipio de Iguape;

uma na sêde do municipio de S. Vicente;

uma na sêde do municipio de Natividade.

b) Femininas:

uma no districto de paz de Novo Horizonte, do municipio de Itapolis;

uma na sêde do municipio de S. Miguel Archanjo;

uma em villa Rezende, do municipio de Piracicaba;

uma no bairro do Castello, do municipio de Batataes;

uma no bairro da fazenda do Sobrado, do municipio de S. Manoel;

uma no bairro da fazenda do Araquá, do mesmo municipio;

uma no nucleo da Monção, do municipio de Avaré;

uma na sêde do districto de paz de Bocayuva, do municipio de Lençóes;

uma no bairro dos Marins, do municipio de Piracicaba;

uma no districto de paz de Juquiá, do municipio de Iguape;  
 uma na Estação do Rio Grande, no municipio de S. Bernardo;

uma na séde do municipio de Parnahyba;  
 uma na séde do municipio de Natividade.

c) Mixtas:

uma no bairro da Rocinha, do municipio de Itapetininga;  
 uma no bairro da Villa Velha, do mesmo municipio;  
 uma na estação de Angatuba, do mesmo municipio;  
 uma no bairro do Congonal, do municipio de Piracicaba;  
 uma no bairro da Charqueadina, do mesmo municipio;  
 uma no bairro dos Buenos, do municipio de Angatuba;  
 uma no bairro do Limoeiro, do municipio de Piracicaba;  
 uma no bairro Bonito, do municipio de Lorena;  
 uma em cada um dos bairros — Retiro, Cerro Alto e Tres Barras do Palmital, do mesmo municipio;  
 uma no bairro da Estação Sampaio Vidal, do municipio de Ribeirão Bonito;  
 uma no bairro da União, districto de paz de Alambary, do municipio de Itapetininga;  
 uma no bairro de Pouso Alegre, districto de paz de Bocayuva, do municipio de Lençóes;  
 uma no Bairro Alto, do municipio de Piracicaba;  
 uma no bairro do Faxinal, do municipio de Botucatu;  
 uma no Sanatorio de Preservação dos Filhos de Tuberculosos Pobres, na cidade de Bragança;  
 uma no séde do districto de paz de Boituva, do municipio de Porto Feliz;  
 uma na séde do municipio de Natividade;  
 uma no bairro de S. João da Ressaca, do municipio de Mogy das Cruzes;

d) Nocturnas para adultos:

uma na séde do municipio de Xiririca;  
 uma na séde do municipio de Ibitinga;  
 uma na séde do municipio de Piracaia;  
 uma na séde do municipio de Araraquara;  
 uma na estação de S. Caetano, do municipio de S. Bernardo, para ser localizada nas proximidades da fabrica «Pamplona»;  
 uma na séde do municipio de Itapolis.

Artigo 2.º Ficam creadas no municipio da Capital seis escolas nocturnas operarias para adultos, no regimen da lei n. 1223, de 16 de Dezembro de 1910.

Artigo 3.º Ficam convertidas as seguintes escolas preliminares:

a) em mixtas:

a masculina, vaga, da séde do municipio de Santo Antonio da Alegria;  
 a masculina, vaga, do bairro do Capão Alto, do municipio de Itapetininga;  
 a masculina, vaga, do bairro do Pedroso, do municipio de Lorena;  
 a feminina do bairro de Campinas, do municipio de Pindamonhangaba;  
 a feminina do bairro de Benadicto Pinto, do municipio de Guararema;  
 a feminina do bairro dos Leaes, do municipio de Redempção;

b) em feminina:

a mixta do bairro do Caguassú, districto de Bella Vista, do municipio da Capital.

Artigo 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior, assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, aos onze de Dezembro de mil novecentos e quatorze.

CARLOS AUGUSTO PEREIRA GUIMARÃES.

*Altino Arantes.*

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, aos 14 de Dezembro de 1914. — O director-geral interno, *Carlos Reis.*

LEI N. 1452 — DE 29 DE DEZEMBRO DE 1914

*Crea e converte escolas preliminares*

O dr. Carlos Augusto Pereira Guimarães, vice-presidente do Estado em exercicio,

Faço saber que o Congresso Legislativo do Estado decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Artigo 1.º Ficam creadas as seguintes escolas preliminares;

a) Masculinas:

uma no bairro do Morro Agudo do municipio de Apiahy;  
 uma no bairro da Nova America, do municipio de Annapolis;

- uma na sede do municipio de Cotia ;  
 uma no bairro do Guará do municipio de Ituverava ;  
 duas na sede do municipio de Faxina ;  
 uma no bairro de Santa Cruz dos Lopes, do municipio de Itaporanga ;  
 uma no bairro do Campo Grande, da sede do municipio de Pilar ;  
 uma na sede do municipio de Piratininga ;  
 uma na povoação da Lagoa, do municipio de Casa Branca ;  
 uma no bairro da Agua Branca, districto da Lapa do municipio da Capital ;  
 uma para adultos, no Instituto Correccional de Taubaté ;  
 uma no bairro de Sarandy, do municipio de Jardinopolis.
- b) Femininas :
- uma no bairro da Cidade Nova, do municipio de Franca ;  
 uma no bairro do Morro Agudo, do municipio de Apiahy ;  
 uma no bairro de Monte, Alegre, do municipio de Piracicaba ;  
 uma no bairro do Cavalheiro, do municipio de Pirassununga ;  
 uma no bairro da Laranja Azeda, do mesmo municipio ;  
 uma na sede do municipio da Cotia ;  
 uma no bairro do Guará, do municipio de Ituverava ;  
 uma na sede do municipio de Parnahyba ;  
 duas na sede do municipio de Faxina ;  
 uma no bairro de Santa Cruz dos Lopes, do municipio de Itaporanga ;  
 uma no bairro dos Dois Tostões, da sede do municipio do Pilar ;  
 uma na sede do municipio de Piratininga ;  
 uma na povoação da Lagôa, do municipio de Casa Branca ;  
 uma no bairro de Agua Branca, districto da Lapa, do municipio da Capital ;  
 uma no bairro de Sarandy, do municipio de Jardinopolis.
- c) Mixta :
- uma na Estação de Itaiguá, no municipio de Faxina ;  
 uma no bairro da Estação, do municipio de Tatuhy ;  
 uma no bairro do Itapeva, do municipio de Sorocaba ;  
 uma no bairro de Villa Silveira, do mesmo municipio ;  
 uma no bairro do Lavapés, para ser localisada nas immediações da rua de S. Paulo, a sede do municipio de Sorocaba ;  
 uma na sede do municipio de Annapolis ;  
 uma no bairro de S. Benedicto, do municipio de Mocóca ;  
 uma no bairro de Setubal, do municipio de S. Roque ;  
 uma no bairro do Brochado, do municipio de Itú ;

- uma no bairro da Estalagem, do mesmo municipio ;  
 uma no bairro do Hypodromo, do mesmo municipio ;  
 uma no bairro do Seminario, do mesmo municipio ;  
 uma no bairro dos Garcias, do mesmo municipio ;  
 uma no bairro da Fazenda Aureopolis, do municipio de Baurú ;  
 uma no bairro da «Chave Stein», do municipio de Monte Mór ;  
 uma no bairro da Cinquista, para ser localisada nas proximidades da fazenda «Nova America», do municipio de Piratininga ;  
 uma no bairro de S. José, antigo Itahim, do municipio de Santo Amaro ;  
 uma no bairro do Ribeirão, da sede do municipio de Pilar ;  
 uma no bairro da Fazenda da Conceição, no rio Abaixo, do municipio de Jacarehy ;  
 uma no bairro (estação) de Quirinim, do municipio de Taubaté ;  
 uma no bairro de Saguirú, do municipio de Taubaté ;  
 uma na sede do municipio de Tremembé ;  
 uma no bairro do Berzal do municipio de Tremembé ;  
 duas no bairro da Agua Branca, districto da Lapa, municipio da Capital ;  
 uma no bairro da Villa Clementino, do municipio de Itapetininga ;  
 duas no bairro da Cidade Nova, do municipio de Rio Claro ;  
 duas no bairro de Santa Cruz, do mesmo municipio ;  
 uma na sede do municipio de Bocaina, para ser localisada á margem esquerda do Parahyba ;  
 uma no bairro da Boa Vista, do municipio de Amparo ;  
 uma no bairro da Ponte de Campinas, do municipio de Jundiáhy ;  
 uma no bairro do Matadouro, do municipio de Itapetininga.
- d) Nocturnas masculinas para adultos :
- uma na sede do municipio de Sillesopolis ;  
 uma no nucleo de Sabaúna do municipio de Mogy das Cruzes ;  
 uma na sede do municipio de Pirassununga ;  
 uma na sede do municipio de Dois Corregos ;  
 uma na sede do municipio de Piedade ;  
 uma na sede do municipio de Tatuhy ;  
 uma na sede do municipio de Campinas ;  
 uma na sede do municipio de Taubaté ;  
 uma na sede do municipio de Jacarehy.

Artigo 2.º Ficam convertidas as seguintes escolas preliminares:

- a) Em masculina :  
a mixta, vaga, da séde do municipio de Pederneiras.
- b) Em femininas :  
a masculina, vaga, do bairro Itinga, do municipio de Sorocaba ;  
a masculina, vaga, do bairro de Indaiatuba, do mesmo municipio ;  
a mixta do bairro de Una, do municipio de Tremembé.
- c) Em mixtas :  
a masculina, vaga, da estação de Remedios, municipio de Anhemby ;  
a masculina, vaga, do bairro dos Palmares, antigo Capivary, do municipio de Itapetiniaga ;  
a terceira masculina, vaga da Villa de Bury, do municipio de Faxina ;  
a masculina, vaga, do bairro de Itupararanga, do municipio de Sorocaba ;  
a masculina, vaga, do bairro de Tapera Grande, do municipio de Itatiba.

Artigo 3.º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior, assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, aos vinte e nove de Dezembro de mil novecentos e quatorze.

CARLOS AUGUSTO PEREIRA GUIMARÃES.  
*Altino Arantes.*

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em 31 de Dezembro de 1914. — O director-geral interino, *Carlos Reis.*

### Movimento associativo

De conformidade com as disposições dos Estatutos, realizou-se em 8 de Janeiro a assembléa geral da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo para eleição da Directoria e Conselho fiscal que tem de funcionar durante o corrente anno.

Aberta a sessão, lida a acta da ultima assembléa, foi lido pelo Sr. Presidente o relatório do anno findo, sendo apresentado o balancete do movimento social, que é o seguinte :

## ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

### Balancete de 1914

#### Receita

Saldo de 1913. . . . .		7:580\$735
RECEBIDO		
Mensalidades e joias. . . . .	3:476\$000	
Restituição de auxilios e adiantamentos	131\$000	
Revista . . . . .	142\$500	
Juros . . . . .	462\$433	
Outras procedencias . . . . .	196\$800	4:408\$733
MOVEIS E UTENSILIOS		
Valor dos existentes com 10 % de abatimento . . . . .		951\$570
A RECEBER		
Por diversos titulos . . . . .		13:306\$690
		<u>26:247\$728</u>

#### Despeza

PAGO		
Auxilios definitivos . . . . .	827\$500	
Auxilios condicionaes e adiantamentos	243\$500	
Revista e expediente . . . . .	986\$200	
Empregados e porcentagem. . . . .	1:814\$500	
Moveis e utensilios . . . . .	101\$300	
Outras despezas . . . . .	765\$600	4:738\$600
Moveis e utensilios — valor dos existentes . . . . .		951\$570
A receber — por diversos titulos . . . . .		13:306\$690
Saldo em 31 de Dezembro de 1914 . . . . .		<u>7:250\$868</u>
		26:247\$728

S. E. ou O.

São Paulo, 31 de Dezembro de 1914.

O Thesoureiro, IZIDRO DENSER.

### Parecer do Conselho Fiscal

Examinadas as contas e confrontadas com o balancete pelo Sr. Thesoureiro da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo, encontramos perfeita regularidade nas despezas effectuadas.

Continuamos a receber grande numero de publicações, com as quaes gostosamente permutaremos.

As recebidas ultimamente são:

*Revista de Educacion*, Lá Plata, Republica Argentina.

*Educação Nacional*, Porto.

*Avença*, Revista Escolar, Ceará.

*O Indaiatubano*, Indaiatuba.

*Monitor Sul Mineiro*, Cidade de Campanha.

*Revista de la Universidad*, Tegucigalpa.

*La Revista Coloniale*, publicação quinzenal, illustrada — São Paulo.

*Museu Social Argentino*, Buenos Ayres.

*Diario Official*, São Paulo.

Os srs. associados têm direito, gratuitamente aos serviços do procurador social, que trata nas repartições publicas do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Para este fim os srs. associados se dirigirão ao Secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques, rua das Flores n.º 9 A — Capital.

Está á venda o oitavo volume da *Revista*, 1914-1914, para completar as antigas colleções, oito fasciculos, preço 5\$000; a enviar pelo correio, mais 500 réis de porte e registro.

## Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continua a representar na imprensa a Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo.

E' o seu organ: a ella devem ser enderaçadas (rua das Flores, 9-A), os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Os membros da Associação continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados podem obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

A Directoria Geral da Inst-ucção Publica tem a seu cargo a redacção da *Revista* que voltou a ser editada ás expensas do Exm.º Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração com este endereço:

*Redacção da Revista de Ensino,*

*Directoria Geral da Instrucção Publica,*

*Rua Ipiranga n. 24*

*S. Paulo.*

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado. Recebem-se collaborações para o seguinte numero:

A' venda—collecções completas, doze annos, oito volumes:

Encadernação superior . . . . .	50\$000
Meia encadernação . . . . .	40\$000
Em brochura . . . . .	35\$000
Em fasciculos . . . . .	25\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Pedidos á Associação Beneficente do Professorado, rua das Flores, 9-A, ou ás livrarias *Francisco Alves & Comp.*, rua de São Bento e *Duprat & Comp.*, rua direita — Capital.